

Jairo Enrique  
Gallo Acosta



# Um Psicanàlise bacana

Subversiva, revolucionària, alegre



Ediciones  
**Kazyadu**

A Kaziya é uma editora independente e, como o seu próprio nome indica (amanhecer, despertar, renascer no idioma Huitoto), deseja promover livros que permitam a reflexão e a transformação de uma realidade cada vez mais opressiva (ou angustiante). Por isso, a política editorial da Kaziya é difundir, através das suas publicações, textos que possibilitem a crítica e a transformação social, sobretudo nos contextos latino-americanos, mas também no contexto mundial.



Jairo Gallo Acosta.

Psicólogo e psicanalista. Mestre em Psicanálise, Universidade Argentina John F. Kennedy. Doutor em Ciências Sociais e Humanas, Pontificia Universidade Javeriana. Estágio Pós-doutoral na Universidade Michoacana San Nicolás de Hidalgo. Professor e pesquisador da Universidade Cooperativa da Colômbia e da Universidade Nacional da Colômbia. Autor dos livros: “Psicoanálisis y teoría social” (Psicanálise e Teoria Social) (2009); “Psicoanálisis, investigación y subjetividad” (Psicanálise, Pesquisa e Subjetividade) (2011); “Polis y Psique. Ensayos sobre teoría social y psicoanálisis” (Pólis e Psique. Ensaios sobre Teoria Social e Psicanálise) (2017); “Clínica y acontecimiento. La práctica psicoanalítica en la época de las lógicas neoliberales” (Clínica e Acontecimento. A Prática Psicanalítica na Época das Lógicas Neoliberais) (2019); “Ideología, salud mental y neoliberalismo en Colombia” (Ideologia, Saúde Mental e Neoliberalismo na Colômbia) (2020); “Por un psicoanálisis abigarrado” (Por uma Psicanálise Abigarrada) (2021); “El amor, el vacío y lo femenino” (O Amor, o Vazio e o Feminino) (2023); “Malestar docente y dispositivos de escucha psicoanalíticos en el campo educativo” (Mal-estar Docente e Dispositivos de Escuta Psicanalíticos no Campo Educacional) (2025). Membro do Círculo Psicanalítico do Caribe.

Um Psicanálise bacana  
Subversiva, revolucionária, alegre



# Um Psicanálise bacana

## Subversiva, revolucionária, alegre

Jairo Enrique Gallo Acosta

2025  
Ediciones KaziYadu



*Atravessar uma análise possibilita viver*

*Será que não sofremos de excesso de realidade? Sonhemos mais, fantasiemos mais, construamos outra realidade!*

*Para que uma revolução se não for para amar, desejar e viver?*

---

Gallo Acosta, Jairo Enrique Uma Psicanálise bacana. Subversiva, revolucionária, alegre

Prólogo: Aline Souza Martins

Revisão de estilo: Andrea Montoya Rodríguez

Projeto de capa: Jairo Enrique Gallo Acosta/Anderson Rueda Consuegra

Diagramação: Jairo Enrique Gallo Acosta/ Anderson Rueda Consuegra Primeira edição, agosto de 2025 117 p; 21 x 14 cm. ISBN: 978-628-01-9837-8 2025

Ediciones KaziYadu Bogotá-Colômbia

<https://kaziYadu.com/home>

---

É permitida a reprodução parcial ou total deste livro desde que se conserve o princípio ético-político de citar a autoria das ideias aqui expostas.

Bogotá-Colômbia

.

## Sumário

|                                                                                                                 |     |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Prólogo.....                                                                                                    | 11  |
| Introdução .....                                                                                                | 19  |
| • 1.1. É a alegria, não a Felicidade!.....                                                                      | 25  |
| • 1.2. Subversão, sujeito e psicanálise: para além<br>da felicidade: a alegria bacana .....                     | 53  |
| • 1.3. A impotência individual do amor.....                                                                     | 55  |
| 2. Uma Psicanálise bacana, abigarrada e<br>subalterna.....                                                      | 59  |
| • 2.1. "Choleando" a psicanálise.....                                                                           | 63  |
| • 2.2. Uma psicanálise "Whitexicans" Não!: por<br>uma psicanálise "abigarrada" e "Naca" .....                   | 70  |
| • 2.3. "Abigarrando" a psicanálise, atravessando<br>sua colonialidade para se conectar de outra<br>maneira..... | 77  |
| • 2.4. Do gozo ao desejo na psicanálise bacana e<br>abigarrada.....                                             | 865 |



*Per mio padre che ha fatto fin dove è riuscito ad  
arrivare, per mia madre che continua a farlo.*



## Prefácio

### Psicanálise - a Teoria dançando com a práxis

A partir da Colômbia, mas também a partir do que temos em comum no nosso território da América Latina, o livro de Jairo Gallo aposta no movimento dentro da psicanálise, fala de uma teoria e práxis psicanalítica situadas ao pensar a relação entre desejo, subversão e alegria.

Por sermos vistos como países “Não-Europeus e não Norte americanos”, compartilhamos uma história de colonização que marca hoje nossa economia, nossa língua, nossos costumes e nossa mídia. Uma colonização sustentada por grandes instituições disciplinares, que muito além do exército e das escolas, também afeta a maneira como fazemos clínica, como fazemos e assistimos filmes, séries e propagandas, e como somos invadidos pela mão forte das redes sociais, como facebook, intagran e tweeter (mesmo sabendo das formas de controle exercidas pelos grandes líderes mundiais através destas plataformas).

Assim, a psicanálise só pode ser contra-colonial se “desnortear”, se girar os sentidos alienantes, pré-fixados como bandeiras de posse do mundo entre Norte e Sul. Para Emiliano David, Cristina Vicentin e Lia Schucman (2024, p.3) desnortear “parece indicar uma aguda percepção da subordinação da loucura ao “Norte” em duas direções: a da subordinação epistemológica do Sul ao Norte na forma de um eurocentrismo; a da subordinação da loucura à norma da razão e da racionalidade ocidental”. Fazendo a psicanálise

bacana dialogar com o Brasil, podemos entender que parte da revolução proposta por Gallo questiona justamente a racionalidade colonial, tida como razão única em uma aposta na alegria e no desejo como forças para fazer frente à prática neoliberal normatizante dos corpos, das mentes e dos afetos .

O neoliberalismo, que apaga a potência política do comunitário, gera a melancolização da população, que passa a acreditar que nada é possível além do consumo. Assim, este sistema teria como uma das suas características principais a despolitização da sociedade, retirando o poder dos grupos políticos, como sindicatos, ao mesmo tempo em que favorece o individualismo e a ideia do sujeito como empreendedor de si mesmo. Neste modelo, os princípios de gestão de empresas (Dardot & Laval, 2016) é adotado para a gestão do sofrimento psíquico, e os ideais de performance, investimento, rentabilidade e posicionamento de si como marca são adotados como designe psicológico.

Esse controle econômico, também apontado como uma forma de racionalidade, é para Safatle (2022) uma continuação da psicologia, uma verdadeira economia moral que encobre uma estrutura política que organiza governantes, ações, políticas públicas e relações sociais. Ou seja, é uma política das formas de viver, de produzir subjetividades e consequentemente também de desejar.

Através da psicanálise que se propõe não toda, Jairo sustenta que a alegria pode fazer frente à melancolização do nosso campo. O mecanismo de desidentificação analítica suspende não só a alienação singular da cena familiar, mas

também da cena social, deixando que o desejo emergja como possibilidade revolucionária de questionamento das normas.

Neste sentido o desejo, a partir da psicanálise Lacaniana, é essencial para pensarmos tanto a singularidade como o movimento. Para Lacan, “o desejo do homem é o desejo do outro”, e neste sentido se relaciona com o reconhecimento, pois o sujeito localiza seu desejo através do outro, seu semelhante, que lhe empresta fantasias para encobrir o objeto que falta. O desejo, portanto, nos mobiliza para além da completude imaginária da identidade. Assim, o reconhecimento, como desejo do desejo do outro, pode ser entendido em um contexto mais amplo, tanto como “a inscrição de uma dada subjetividade na cultura, quanto a percepção de que ela nunca será completa, pois o desejo insiste em quebrar os planos em um eterno ímpeto de se desconhecer para reinventar-se, novamente furando e surpreendendo o que se espera” (Martins, 2019, p. 135)

Na psicanálise contemporânea, enfatiza-se a ideia de que o território faz marcas na cultura, que por sua vez é parte do mundo simbólico de cada sujeito, este que mesmo fazendo uma história singular é linguagem, e portanto, suportada por significantes cuja materialidade se faz pela imagem acústica marcada pela nossa gíngua, pelo nosso sotaque e pelos nossos ritmos.

Assim, o autor se localiza como subalterno, lembrando a indiana Spivak (2010) ele diz “um subalterno não pode ser ouvido, então é preciso buscar formas de fazê-lo, ainda bem que também sou caribenho como outro Fanon, não do Caribe francês, mas espanhol, mas no fim das contas

caribenho, desses indígenas que nunca se deixaram conquistar pelos espanhóis e outros colonizadores europeus, por isso tiveram que inventar uma fantasia europeia canibal, animalizando o nativo que não conseguiam se apropriar". Essa localização não só apresenta o autor, mas também a posição da sua obra em uma vertente da psicanálise que aposta na subversão e na resistência como ética psicanalítica de um desejo que não se conforma, não se adapta e não pode ser dominado.

No Brasil, assim como nos países latino-americanos espano-hablantes a psicanálise não é só das elites, como o fantasma europeu quer nos fazer crer. Ela se infiltrou nas políticas de saúde e deu origem a Reforma Psiquiátrica, ela deu as mãos ao Sistema Único de Saúde e ajudou a criar o Projeto Terapêutico Singular, um plano de cuidados que considera as particularidades das pessoas atendidas. A psicanálise também está fora das instituições, atendendo em praças, em estações abandonadas, em assentamentos do Movimento Sem Terra, em Ocupações de moradia e até em Igrejas. Estevão e Hartmann (2024, p. 87) nos dizem ainda que tanto nas políticas públicas, quanto nos projetos nas ruas esta psicanálise no território nos oferece “outras formas de pensar a transferência e intervenções que podemos chamar tipicamente brasileiras”, ou aqui poderíamos pensar tipicamente latino-americanas.

O tema das especificidades Latino-americanas não é novo, já na década de 80 a feminista e socióloga Lélia Gonzales (2018) escreveu “A categoria político-cultural da Amefricanidade”, além do texto “Racismo e sexismo na cultura brasileira”, textos nos quais a autora chama de

Améfrica Ladina, o Brasil, em um ato que subverte o sintoma racista de encobrimento e silenciamento da nossa origem africana e latina, o que retorna como sintoma na nossa cultura. Assim, Gonzalez cria novas palavras para rebatizar a nossa língua a partir da territorialidade brasileira e a chama de pretuguês, dando também corpo, história e cor para o que poderiam ser significantes tidos como vazios. E Gonzales continua unindo na sua auto-designação que cria confusão quando o real da lugar ao imaginário, “e mesmo antes, na chamada América Pré-Colombiana, ela já se manifestava marcando decisivamente a cultura dos olmecas, por exemplo (Sertima, 1976). Reconhecê-la é, em última instância, reconhecer um gigantesco trabalho de dinâmica cultural que não nos leva para o lado do Atlântico, mas que nos trás de lá e nos transforma no que somos hoje: amefricanos” (2018, p. 333).

Assim, quando Jairo dialoga como nossa Améfrica Ladina, de cima desse território, e nos fala de uma práxis de “um Psicoanálisis bacano”, meu primeiro desafio foi traduzir essa palavra para o nosso “pretuguês”. Descobri que a palavra “bacano” em espanhol não aparece nos dicionários de tradução, mas a palavra “bacana”, no feminino existe, e pode ser traduzida como belo, bom, dedicado, digno, honrado e útil. No próprio livro encontrei os significados de “bacano” como Legal, Cool, Gay e feliz, significados que me parecem corresponder ao nosso feminino de “bacano”. Então podemos dizer que na Amefrica Ladina o bacano de Jairo é mulher, não toda e em movimento.

Segundo Jairo “branquear na psicanalise, [é] ter o aval do amo europeu. Buscamos o reconhecimento que não

virá”, e continuo citando, “a praxis pode emergir como sintoma, defendendo uma psicanalise pura”. Desta forma, podemos entender que a defesa apaixonada da fixação da psicanálise com os dois pés no chão europeu é um sintoma que a transforma em pedra velha, pouco interessante para os jovens que buscam entender seus modos de vida dançantes nos ritmos atuais. O que seria a psicanálise pura no texto de Gallo é entendido como uma psicanálise assombrada pelo ideal do fantasma inconsciente “whitexican” (em uma palavra criada pelo autor).

Assim, o livro funciona como uma advertência à alguns psicanalistas que se esqueceram do que é a psicanálise, de que ela está para além de filiação, fidelidade, retórica e reconhecimento. De que, como nos diz Estevão e Hartman (2024) “a análise somente é possível no momento vivo do ato, e não na representação” (88). Jairo nos mostra que estamos pedindo muito pouco da psicanálise, a mera liberdade de citar autores não psicanalistas - ou ate psicanalistas de diferentes abordagens - exige um pedido de licença, acompanhado de uma ameaça de exclusão.

Nesse sentido a Psicanálise Bacana seria também uma resistência à colonização da teoria psicanalítica pelo Norte, e o que o autor faz é nos convocar a pensar as formas com que fomos colonizados na psicanálise, colocando a França e a Europa no lugar do colonizador, e a psicanálise francesa no lugar da verdade, como ideal a ser alcançado. A mesma psicanálise tradicional, que se coloca a criticar os movimentos que usam identidade de forma estratégica na política, sucumbe ao superego tirânico que limita a práxis psicanalítica à língua e textos da matriz, critica a ciência ao

mesmo tempo em que coloca o texto dos mestres psicanalistas no seu lugar.

Concluindo, quando a psicanálise bacana de Jairo relembra que tratamos do desejo, e que este é movimento, retomamos seu potencial dançante, que invoca a criação alegre do ato, contra a melancolia neoliberal que paralisa. Aqui na Améfrica Ladina dançamos, lutamos e ao mesmo tempo jogamos com ritmos diversos. Criamos nosso nó borromeo entre raça, classe e gênero em um sinthome singular da psicanálise no nosso território, com a riqueza dos sabores regionais, a beleza das cores tropicais e o embalo das nossas músicas, que do Sul ao Norte não nos deixam parar de nos movimentar.

Aline Souza Martins

São Paulo, 21 de Maio de 2025

## Bibliografia

Dardot, P.; Laval, C. (2016). A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo.

David, E. de C., Vicentin, M. C. G., Schucman L. V. (2024). Desnortear, aquilombar e o antimani 1 colonial: três ideias-força para radicalizar a Reforma Psiquiátrica Brasileira. Em *Ciência & Saúde coletiva*, 29 (3).

Gonzalez, L. (2018). A categoria político-cultural da amefricanidade. In *Primavera para as rosas negras: Lélia*

Gonzales em primeira pessoa... Diáspora Africana: Editora Filhos da África.

Hartmann, F. e Estevão, I. R. A subversão como núcleo da psicanálise: sujeito e indeterminação radical. Em Psicanálise à brasileira. Org. Canavez, F. Birman, J. Salvador: Editora Devires, 2024.

Martins, A. S. (2020). As voltas do reconhecimento na clínica e política da psicanálise. 2020. 230 f. Tese (Doutorado) Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Safatle, V. A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral. Em Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico. Org. Safatle, V. Silva Junior, N. Dunker, C/ Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

Spivak, G. C. (2010). *¿Pode o subalterno falar?* (S. R. G. Almeida, M. P. Feitosa & A. Pereira, Trans.). Belo Horizonte: Editora UFMG.

## Introdução

A Freud o que faltou foi trópico!

Ramón Illán Bacca

Introduzir o bacano na práxis psicanalítica é uma grande ousadia caribenha, não joda, baita frase: uma psicanálise bacana! Poder-se-ia dizer em Barranquilla (essa cidade caribenha da Colômbia). O certo é que esse título me ocorreu pensando em algo mais teórico: como pensar uma práxis psicanalítica que permita uma saída para o sujeito na época do capitalismo neoliberal? Uma saída que não tivesse a ver com um cinismo narcisista (*narcínica*, segundo o neologismo inventado pela psicanalista francesa Colette Soler), nem com uma resignação trágica diante da “queda dos ideais”, para se colocar acima deles, ou do clamor de uma época para se encapsular em uma clínica divaniada (presa ao divã), distante de uma realidade (que por muito imaginária, também é simbólica e tem efeitos no sujeito e nas suas produções subjetivas), sob a premissa da defesa de uma psicanálise “pura”. Diante do anterior questionamento e das múltiplas elucubrações, me ocorreu uma resposta: Uma psicanálise bacana!

Uma psicanálise bacana não é outra coisa senão uma psicanálise que aposte em um gay saber (saber alegre), o que não significa nem uma felicidade autoimposta como pretendem as lógicas capitalistas neoliberais de: todos felizes e triunfadores!, felicidade que só conduz, como nos

lembraram os filósofos Byun Chul Han, Franco Berardi ou o próprio Slavoj Žižek, a uma depressão ou ansiedade generalizada por não poder alcançar os ideais superegoicos do capitalismo neoliberal. Este *gay saber* ou saber alegre é a possibilidade de pensar a tragédia humana não como uma condenação infinita, mas como uma possibilidade de fazer com essa tragédia humana algo diferente, outra coisa, por exemplo: um viver melhor a partir de uma tragicomédia.

O bacano não é uma essência nem muito menos um padrão, nem se limita a um lugar geográfico, nem sequer a umas pessoas; realmente se trata de uma aposta ético-política, é o que permite conexões com um outro, possibilitando laços sociais. Bacano, como todo significante na teoria psicanalítica lacaniana, é o que representa um sujeito diante de outro significante. Em si, *bacano* não significa nada por si só, só significará algo *a posteriori* se o conectarmos com outros significantes como alegre, *chevere* (legal), agradável, comprometido, contextual, político, ético, subversivo, abigarrado, que é o que este livro pretende.

Uma psicanálise bacana na época em que tudo se pode, mas nada se faz, onde o fim é inevitável para muitos e muitas, onde só se tem que gozar, já que não há amanhã, nem porvir, porque tudo é um presente perpétuo mortificante. É ali que a psicanálise bacana entra para poder dizer aos imperativos deprimentes do *nada se pode*: algo se pode, sempre há algo por fazer-ser, sempre há algo que não está perdido: e o sujeito do inconsciente, esse que Freud descobriu, nos lembra disso a cada momento, assim como nos lembraram as histéricas do século XIX que Freud escutou, assim nos lembram esses corpos depressivos e

ansiosos do século XXI quando saem às ruas para marchar e protestar, e que hoje se entrenchearam em muitas universidades do mundo para se manifestar pelo massacre em Gaza perpetuado pelo Estado de Israel, e na Argentina contra as medidas neoliberais de acabar com o pouco que resta de um Estado de bem-estar representado na universidade ou saúde pública, ou na Colômbia para exigir uma educação mais inclusiva, democrática e pública como algo para muitxs e não como algo para poucxs.

Uma psicanálise bacana é uma práxis que leva em conta o desejo do sujeito, sem negar que sempre há um gozar do qual temos que nos responsabilizar. Assim, é na práxis psicanalítica que podemos, via amor (transferência), permitir que o sujeito possa fazer um traçado do seu desejo por meio dos seus dizeres e silêncios, traçado que possa pôr um limite ao gozo. O amor cria um véu sobre o objeto de gozo para que se converta em objeto de desejo, isso é o erótico do amor. Uma psicanálise bacana não é algo divertido *per se*, é mais algo criativo, é fazer algo com o desejo a partir da fantasia freudiana<sup>1</sup> para criar possibilidades de vida. É uma práxis onde a fantasia não é algo patológico, mas sim uma possibilidade para fazer algo com o real da vida, com o vazio constituinte do sujeito. Diante dos imperativos de explorar, violar, ganhar, triunfar, produzir, consumir, todas ações para “estar em uma realidade”, emergem outros atos que se constituem através de um fantasiar, dançar, cantar, caminhar, passear, mas sobretudo de amar, fantasiemos mais, afastemo-nos da realidade.

---

<sup>1</sup> Freud, S. El creador literario y el fantaseo, en: *Obras Completas*. Volumen IX. Amorrortu.

"Os humanos sois muito estranhos. Tudo o que criais é usado para destruir", frase que mostra o momento culminante do filme: "O Quinto Elemento", ao que se poderia responder a partir de Lacan (2013) no seminário 10: "A Angústia": "só o amor permite ao gozo condescender ao desejo". O amor diante do destino fatal ao qual nos conduz um gozo sem limite (capitalismo tecnológico do século XXIII no filme), o amor se coloca valentemente como a única coisa que pode fazer com que esse gozo mortífero possa dar lugar ao desejo, isso que sempre deixa uma porta aberta onde cada um terá que fazer laço com um outro.

Não é só atravessar uma análise que dê conta do real, mas que o real dê conta do imaginário e simbólico. Pensar o imaginário a partir do simbólico para dar conta do real seria um primeiro momento de uma análise, mas uma segunda volta é passar do real ao imaginário e simbólico<sup>2</sup>. Este último é o que se poderia pensar a partir do trópico na psicanálise, com um toque caribenho e latino-americano à práxis psicanalítica, conectar o real ao simbólico e imaginário.

A psicanálise é uma subversão alegre, não promete nada, é o entusiasmo de nunca poder alcançar o desejado, é a alegria de viver insistindo em algo que é impossível, mas que cria possibilidades, a doce indestrutibilidade do desejo que se potencia ao nunca alcançar o desejado, por isso a psicanálise é bacana. Por último, para Lacan, a posição do psicanalista se aproxima à de um santo: "Quanto mais santos formos, mais riremos: é o meu princípio; é inclusive a saída

---

<sup>2</sup> Estes posicionamentos são produtos das conversas com a professora María Alejandra Tapia Millán na Universidade Nacional da Colômbia.

do discurso capitalista, o que, se for só para alguns, não constituirá nenhum progresso” (Lacan, 2012, p. 546).

Este livro divide-se em duas partes: a primeira, uma psicanálise bacana; a segunda, uma psicanálise bacana, abigarrada, subalterna. A primeira parte é pensar uma práxis psicanalítica que não só sirva para manter uma endogamia psicanalítica: uma psicanálise para os psicanalistas, mas uma experiência psicanalítica para um sujeito que deseje ser escutado. A segunda, é que o bacano, como já foi dito, não é outra coisa senão uma aposta ético-política, onde não tenhamos medo nem receio de poder propor que nos contextos colombianos e latino-americanos podemos fazer da práxis uma experiência que pode ser reconhecida como a que fazem na França ou Inglaterra, mas para isso, primeiro nós mesmxs temos que reconhecê-la.

Uma psicanálise bacana não é para aceitar a realidade nem nos adaptarmos ou negá-la cinicamente, é para re-criar uma realidade e fazer dela outra coisa. Enquanto escrevo isto, ouvem-se tambores, flautas, maracas, trombones, trompetes, timbales e outros instrumentos de fundo. Este livro alude a esses ritmos antilhanos, caribenhos, latino-americanos, mas também de outros lugares, porque uma psicanálise bacana inclui ritmos e melodias de muitos lugares e de muitos sujeitos, para que sejam escutadas e dançadas aqui e ali. A experiência analítica é a escuta dos ritmos e melodias do inconsciente, das associações livres do sujeito que diz algo sobre si, e o lugar de quem escuta é a atenção flutuante que dança com esses dizeres, e enquanto isso acontece, instaura-se um ato analítico alegre, subversivo.



# 1.

## Uma psicanálise bacana

### 1.1. É a alegria, não a Felicidade!

A felicidade nunca foi importante. O problema está em que nós não sabemos o que realmente queremos. O que nos faz feliz é não alcançar o que desejamos, mas sim sonhá-lo. A felicidade é para oportunistas. Então, penso que a única vida de profunda satisfação é uma vida de uma eterna luta, especialmente, a luta contra nós mesmos. Se queres manter-te feliz, apenas continua a ser estúpido. Os autênticos eruditos nunca foram felizes; a felicidade é uma categoria de escravos.

Slavoj Žižek. The Guardian

O significante de bacano, neste livro, relaciona-se mais com a alegria spinozana do que com a felicidade neoliberal promovida na atualidade: todos felizes enquanto o mundo se desfaz em pedaços. Essa alegria é um ato político-ético, onde o estar alegre é para poder pensar-ser o mundo. A alegria em Spinoza é um dos três afetos primários, junto com o desejo e a tristeza (Spinoza, 2000). O saber alegre na práxis psicanalítica não é outra coisa senão assumir a incerteza do sujeito, daquilo que não se pode prever, mas tampouco condenar. As palavras ditas são escutadas para que

um sujeito as tome retroativamente para histesterizar<sup>3</sup> o seu passado num porvir.

O saber alegre é esse saber fazer com a impotência um impossível para criar uma possibilidade, coisa que a felicidade neoliberal, onde “tudo se pode” segundo seu fundamento, parece não apostar. Rir poderia ser um modo de poder tramitar o gozo, é a maneira de assinalar que ali há um limite que não se pode transpassar: o da incompletude. A consequência de tomar o real da vida como uma comédia através do humor é um saber fazer a partir do simbólico para se vincular imaginariamente com um outro, para assim rir do insuportável do real. Juntos podemos rir da pesadez da existência, das suas limitações, onde o não-todo permite transformar, subverter, recriar. O viver é fazer da impossibilidade uma alegria.

Só um sujeito pode habitar um mundo. Estar sendo é um assunto subjetivo onde se coloca em jogo a singularidade do sujeito com os outros. O "estar sendo" de Kusch (1978) remete-nos a um sujeito que nunca termina de ser, e que este ser não é algo acabado, mas que só pode ser em ato, estar sendo entre um significante e outro, e é nesse jogo que um sujeito pode rir do não poder ser para estar sendo e poder habitar e habitar-se, a partir de si mesmo e dos outros.

Para o anterior não se deve fazer da psicanálise um museu, tal como nos diz Agamben (2005): apresenta-se uma impossibilidade de usá-lo, habitá-lo, fazer experiência. É preciso transformar a práxis psicanalítica numa experiência

---

<sup>3</sup> Neologismo entre historizar e histerizar (Histesterizar).

que atravessa saberes estereotipados e fixos, habilitar a experiência que recria em cada práxis uma psicanálise como um novo significante. Uma psicanálise bacana é uma psicanálise popular, não exclusiva para umas elites que podem pagar.

Uma psicanálise bacana é saber fazer com a morte para suportar a vida. Na teoria lacaniana, a morte é do simbólico e a vida do real; é como se fazendo algo a partir do simbólico — simbolizar a morte — pudéssemos suportar o real da vida.

A psicanálise torna a vida mais simples. Adquirimos uma nova síntese depois da análise. A psicanálise reordena o emaranhado de impulsos dispersos, procura enrolá-los em torno da sua bobina. Ou, modificando a metáfora, a psicanálise fornece o fio que conduz a pessoa para fora do labirinto do seu próprio inconsciente (Viereck, 1926, parágrafo 35).

Da "paila"<sup>4</sup> ao "bacano" poderia ser atravessar uma psicanálise. Estar "paila" é estar na miséria, é a resignação de que nada pode mudar, é a desesperança mortífera, é estar numa situação infernal (por isso a "paila", o caldeirão), estar frito. Assim, passar ao "bacano" seria fazer frente a esta situação *paila*, de um sofrimento ilimitado. Estar *pailander* é poder mover-se desse lugar para um agradável, é a potência da doçura como nos diz Dufourmantelle: “expressões de uma vida autêntica”. Uma psicanálise bacana é uma psicanálise para uma vida autêntica.

---

<sup>4</sup> Paila no jargão popular colombiano é usado para assinalar que algo está muito mal (Paila, caldeirão, refere-se a estar numa situação infernal).

O que é uma psicanálise bacana? É uma psicanálise que não faz dos textos psicanalíticos letra morta, uma psicanálise que se recria sempre com cada espaço onde um sujeito emerge do seu dizer e ao ser escutado, se escuta. Uma psicanálise que faz da teoria um jogo que nos surpreende a partir da sua leitura e que se deixa surpreender na sua práxis, uma psicanálise que nos situa como sujeitos nesse encontro-desencontro com o inconsciente, um saber alegre e valente que nos traça um caminho desejante do qual não podemos fugir.

Uma psicanálise bacana deve ser como uma fita de Moebius. Assim como o fora e o dentro vão se diluindo à medida que vamos transitando nela, assim também o que é e não é psicanálise. Não há uma psicanálise pura, só uma práxis que por meio do seu ato vai traçando a sua existência a partir de uma superfície não orientável. A orientação é dada por cada ato onde fala e escuta o sujeito do inconsciente.

A psicanálise é uma experiência da escuta do dizer de um sujeito e da sua localização num mundo com os outros. Neste lugar subjetivo, o sujeito pode sofrer, mas também pode saber fazer uma vida além desse sofrimento. Isto último é a aposta da psicanálise como práxis. A experiência psicanalítica não pode converter-se numa espécie de cinismo trágico onde só resta reconhecer a impossibilidade a partir de uma impotência. A psicanálise é uma potência da impossibilidade, é crer e criar uma vida a partir da singularidade de cada sujeito. Pensar o impossível do real da vida é assumir que se pode elaborar um saber fazer com ela.

A fantasia pode fazer da nossa realidade o mais terrível, assim como também poderia ser o mais sublime. O assunto é como sustentar um ato que seja capaz de recriar dita realidade para fazer da vida algo sublime. O que é uma fantasia? É recriar o mundo que nos coube, é colori-lo de acordo com os nossos desejos, é fazer do sendeiro da vida um caminho possível para viver. Fantasiar é o que nos faz humanos, porque é um ato que faz da ausência uma presença.

O termo que Freud usava era *phantasie*, que em francês não soava bem, então o traduziram como *fantasme* (fantasma), embora no mundo lacaniano se continue insistindo no fantasma e não na fantasia. É melhor continuar falando dos dois conceitos e não de um. Em espanhol, como em inglês, *fantasy* como fantasia têm uma potência criativa subjetiva e cultural, assim como assinala o excelente trabalho de Anthony Sampson (1992), “a fantasia não é um fantasma”, que nos diz: “há uma ambiguidade incontornável no emprego freudiano do vocábulo de *phantasie*, uma oscilação constante que é o que permite a Freud todas as suas análises dos processos criativos dos artistas, as formações das lembranças encobridoras, os ataques histéricos, as compulsões obsessivas e também as suas especulações em torno das origens da cultura humana, etc.”

Fantasiamos porque não podemos alcançar o todo, então com as nossas fantasias podemos fazer dessa impossibilidade um ato: desejar. E o que permite que isso aconteça é o amor, o que possibilita o desejo é o amor, aquilo que borda o vazio para que o não-todo seja um destino e não um todo que conduza ao nada. O desejo é o

sendeiro que traça o amor quando borda o vazio. Para Zupančič (2012), “O amor está estruturado como uma comédia”. Como tal, o amor pode ser definido como uma não-relação que perdura. A comédia é o gênero que utiliza a não-relação complementar como condição de uma relação” (p. 201). À pergunta sobre se estamos dispostos a amar, devemos fazer outra pergunta: estamos dispostos a perder algo de nós, e estamos dispostos a confiar que esse outx não se vai aproveitar dessa perda?

A experiência psicanalítica é poder sustentar o desejo, a pausa que permite o surgimento do sujeito, aquele que não se deixa apanhar, nem controlar ou prever. A pausa que possibilita que se suporte a incerteza do sujeito por meio do amor. O amor é o que permite entrelaçar desejos entre sujeitos que querem criar a vida. Passamos a vida buscando o objeto do desejo, sem entender que a vida mesma é o desejo. Não há nenhum objeto, só um sendeiro no qual, se nos descuidamos, se nos difumina ao longo desses objetos que se podem converter num gozo, conduzindo-nos a uma morte na própria vida.

A frase de Van Gogh: “Não há nada mais artístico do que amar” coloca-nos que o amor é um ato criativo, e como todo ato desse tipo implica transformação, dor e trabalho. Assim, fazer amor é a arte que possibilita que a dor constitua um laço com o outro a partir de um trabalho consigo mesmo e com os demais.

Uma psicanálise bacana é capaz de criar espaços mais do que impô-los. Nesse ato de criação há um lugar para o sujeito, um lugar para o seu dizer por meio de um outro que

escuta, porque o importante neste ato é o acontecimento que surge entre o que se diz e o que se escuta, e isso que emerge é o sujeito do inconsciente.

Quanto mais perto do psicanálise divertida estivermos, mais perto estaremos da verdadeira psicanálise. Com o tempo irá se desgastando, se fará por aproximações e truques. Já não se compreenderá nada do que se faz, assim como já não é necessário compreender nada de ótica para fazer um microscópio. Regozijemo-nos pois, ainda fazemos psicanálise (Lacan, 1995, p.125).

Transitar uma análise é poder recriar retroativamente o passado para historizá-lo de outras maneiras. É ali que a psicanálise não pode converter-se em algo anquilosado nem muito menos em algo adaptativo, sem efeitos subversivos, numa clínica *fast* e aborrecida para uns poucos. Para Lacan: “ser psicanalista é, simplesmente, abrir os olhos para a evidência de que nada é mais disparatado do que a realidade humana” (Lacan, 1981, p.120).

O princípio de realidade era um insulto para o psicanalista inglês Winnicott, por isso a partir de um ato aperceptivo é preciso criar outros mundos, inventar outros significantes que permitam a um sujeito encontrar o seu lugar num mundo.

Para mim, viver criativamente significa não ser morto ou aniquilado o tempo todo pela submissão ou a reação ao que nos chega do mundo: significa ver todas as coisas de um modo novo o tempo todo. Refiro-me à apercepção que é o contrário da percepção (Winnicott, 1971, p. 50-51).

Na época em que se reforça o eu e seu amor-próprio, não é casual que os chamados transtornos mentais tenham se generalizado. Tanto um quanto o outro conduzem a um domínio do eu e do outro, e é ali que está o verdadeiro sofrimento: em ter como objeto o domínio do indominável. O que fazer com esse algo que sempre nos excede, que sempre sobra? Esse é o desafio que temos ao viver: deixar que nos esmague num gozo mortífero ou criar com esse algo um sendeiro para desejar e viver.

Escutar não é ouvir. No segundo, há uma relação direta com a obediência; no primeiro, há a possibilidade de fazer algo diferente de ficar preso nela, é criar, fazer da voz do outro algo mais do que um mandato, um dizer que pode silenciar-se para dar lugar a um próprio dizer com isso dito por parte do outro, é crer que se pode dizer algo além do já dito pelo outro, é fazer-se a partir de um dizer. As palavras transformam, mas só quando são acolhidas a partir de uma escuta que lhes possibilita dito ato.

Os nossos sintomas nos fazem cair. Um sintoma, na sua etimologia, significa queda, falha, mas também o sintoma é força revolucionária que permite em cada sujeito um ato criativo, levando-o a renovar o laço social com um outro. O sintoma nos faz mancar, mas como nos lembra Freud no seu texto “Além do Princípio do Prazer”: “O que não pode ser tomado voando deve ser alcançado mancando. A escritura diz: ‘mancar não é pecado’.”

Dever-se-ia fazer como nos diz Vincent Van Gogh: “sonho em pintar e depois pinto os meus sonhos”, para sonhar em viver e depois viver sonhando, criar o quadro de

uma vida impregnada de cores. Sonhar é uma dívida com o desejo, tanto para um quanto para os outros. Enquanto não saldarmos essas dívidas, o sonhar pode converter-se num pesadelo insuportável. Portanto, sonhar é um confronto com o nosso desejo que nos convida a fazer dele um ato. Por isso Sócrates disse que: “Uma vida sem exame não merece a pena ser vivida”, e esse examinar-se não deixa de ser um ato doloroso, mas curativo para o sujeito. Não há transformação subjetiva sem dor, nem tampouco transformação subjetiva que não implique o outro. Assim, o exame de si remete a um cuidado de si e dos outros. O que fazer com esse gozo do Outro que nos aparece em forma de pesadelo? Esses que quebram qualquer véu que ponha um limite ao real traumático... Outra vez, fiar o véu. As palavras no seu dizer o fazem. A escuta permite esse fiar para que os pesadelos possam converter-se outra vez num sonhar. Para que serve sonhar? Para darmos conta de que os nossos desejos não se podem pospor indefinidamente numa vida por viver.

Viver é um acontecimento, não porque tenha coisas extraordinárias, mas porque é o ato onde um saber fazer transforma as coisas simples e singelas num acontecimento de vida. Crer e criar são duas coisas de cada dia e que permitem vislumbrar uma luz solar. Crer e criar é o que poderia fazer uma vida, conectá-la com outros por meio de tecidos do viver. Na técnica japonesa do Kintsukuroi, reparam-se objetos unindo as partes quebradas com laca dourada (ouro, originalmente). Aqui, a fratura é embelezada, mostrando as cicatrizes como algo para apreciar e não para esconder, convertendo ditos objetos em arte. Assim é a vida, uma série de fraturas e cicatrizes onde é preciso fazer delas uma arte: a arte de viver.

Escutar docemente é ir ao ritmo das palavras do outro, com as suas pausas, para assim fazer dessas palavras uma toada onde um sujeito se possa situar a partir da sua própria história. Isso é o musical do dispositivo psicanalítico: que cada sujeito encontre o seu próprio ritmo e dance com ele e com os outros. Uma palavra pode não significar nada, por isso necessita de uma e outra para formar frases que se conectam entre si para poder dizer algo que jamais termina de ser dito por completo. Por isso, escutar essas palavras é uma labor inacabável. Escutar as nossas histórias implica um outro, por isso é escutar-nos. Essa é a vigência da psicanálise na contemporaneidade, como nos assinala Agamben, retomando a ontologia foucaultiana do presente ou a legibilidade de Benjamín, é da nossa capacidade de escutar as nossas histórias que somos contemporâneos.

Michel Foucault, quando escrevia que as suas indagações históricas sobre o passado são somente a sombra trazida da sua interrogação teórica do presente. E Walter Benjamín, quando escrevia que o índice histórico contido nas imagens do passado mostra que estas alcançarão a legibilidade só num determinado momento da sua história. É da nossa capacidade de escutar essa exigência e aquela sombra, de ser contemporâneos não só do nosso século e do agora (Agamben, 2018).

Sem história não há presente nem muito menos um futuro, e a maneira de dar conta dessa história é contar-nos essa história através da escuta de outro, contar-nos com alegria. Se uma psicanálise não conduz à alegria: Para que uma psicanálise? A alegria seria o ato de reconhecer o limite

que traça o “impossível”, contrário à felicidade atual neoliberal, que é a negação desse limite do impossível: “a alegria, ou para falar a minha linguagem, o *gay saber*, é uma recompensa de um esforço continuado, atrevido, tenaz, subterrâneo, que, na verdade, não é para toda a gente” (Lacan, 1976-1977).

Contrário ao que se crê, o gay saber (saber alegre) é um modo de responder diferente aos imperativos superegoicos da felicidade do capitalismo neoliberal. A estes últimos, só se pode reagir a partir de uma impotência depressiva. A alegria, como o amor, é no feminino, é um não-todo, só se pode ser alegre pela negatividade do todo. Assim, a alegria só é possível perante o limite da impossibilidade do gozo total.

A experiência psicanalítica não pode ser uma escuta dirigida para fazer coincidir o dizer do sujeito com uma estrutura fixa. Esta experiência psicanalítica é mais uma escuta do ritmo dos diferentes lugares do sujeito que se manifestam de diversas maneiras, desde delírios ou alucinações até lapsos da vida quotidiana. Uma experiência psicanalítica bacana ou uma práxis afastada da biomedicina psiquiátrica ou disso que chamam “a clínica”<sup>5</sup>. Passar por uma psicanálise é voltar sessão após sessão a si mesmo de uma maneira diferente.

---

<sup>5</sup> O uso do sintagma **experiência psicanalítica** ou **experiência analítica** (mais lacaniano) deve-se a que o uso da palavra *clínica* continua mais associado a uma prática médica. O que se propõe neste livro é que a experiência psicanalítica se afaste dessa prática biomédica imperante na atualidade, embora se continue a usar o significante *clínico*, também se usará o de *experiência analítica* ou *experiência psicanalítica*.

O problema é que a “clínica psicanalítica”<sup>6</sup> como prática cada vez está mais tomada pela ideologia biomédica dos protocolos: guias e padrões, e menos pela escuta do sujeito. Guiados por uma ideologia médica, na experiência psicanalítica a “clínica” cada vez está mais orientada pela busca de umas estruturas que dão conta de uma essência do sujeito, e nos sintomas — sinais. Assim se configura uma perícia clínica mais próxima da sugestão hipnótica do que da transferência analítica.

A experiência psicanalítica não pode ser tomada por uma prática médica, apesar de o próprio Freud e Lacan terem tentado retirá-la desse lugar. Sabe-se que as lógicas médicas permitem segurança e garantia perante uma práxis da incerteza, de um acontecimento que permite a escuta e o dizer de um sujeito. A práxis psicanalítica não busca certezas clínicas nos diagnósticos baseados no que se denominou estruturas clínicas. O primeiro a dizer sobre o sintagma *estruturas clínicas* é que está ausente tanto na obra de Freud quanto na de Lacan. Este sintagma foi uma tentativa do discípulo de Lacan, Jacques Alain Miller, no final dos anos setenta e início dos anos oitenta do século XX para obter certeza e convicção demonstrativa nas estruturas clínicas (Sierra, 2019, p.209). Freud e Lacan, sendo médicos, tentaram afastar-se da medicina para constituir a experiência psicanalítica. Miller, sendo filósofo, num ato reacionário converteu dita experiência num ato medicalizante clínico para indagar estruturas clínicas.

---

<sup>6</sup> Sintagma que Lacan usou muito poucas vezes no seu ensino e cujo não uso se devia a que cada vez que se usa *clínica* é preciso dar conta da predominância da medicina no termo.

O sintagma popularizou-se na práxis psicanalítica lacaniana devido a essa certeza e convicção demonstrativa, a qual dava segurança a uma práxis da escuta de um sujeito com incerteza. Assim, o sintagma de *estruturas clínicas* converteu-se na certeza que se necessitava para que os e as psicanalistas pudessem diagnosticar a partir de uma psicopatologia própria. Na maioria dos países latino-americanos o uso deste sintagma se estendeu rapidamente, devido à demanda clínica psicanalítica. Este sintagma passou a ser o fundamento necessário para esse exercício clínico. Além disso, a ideia de uma psicanálise “pura” psicanalítica a partir da clínica via a medicina sempre esteve presente nas instituições psicanalíticas. Não se deve esquecer que as instituições da IPA na América Latina até as últimas décadas do século XX só aceitavam médicos como candidatos a psicanalistas. Depois, introduziu-se a profissão psicológica, mas seguindo as mesmas lógicas médicas. A entrada do lacanismo, no início dos anos oitenta, não mudou essas lógicas, pelo contrário, seguiu reforçando-as em muitas ocasiões. Apesar de mais de quarenta anos de expansão de uma clínica fundamentada em estruturas clínicas, e dos centenas até milhares de textos que se podem encontrar para desenvolver e justificar uma ideia de uma clínica de estruturas, não deixa de chamar a atenção que esta clínica continua a tomar um modelo médico de diagnósticos onde alguns lhe põem o adjetivo de transferencial. A este respeito, Braunstein comenta-nos:

Apesar das suas denegações, a TSC não deixa de ser uma proposta pós-lacaniana de classificação rígida dos sujeitos que podem aceder ao olhar diagnóstico de um sujeito suposto saber, de um suposto psicanalista. Haveria três estruturas e nada mais do que três: neurose, psicose,

perversão, que foram fixadas pelos teóricos de uma das associações nascidas após a dissolução da Escola Freudiana de Paris (EFP) (Braunstein, 2017).

E se em vez de estarmos buscando estruturas clínicas fixas, imutáveis e definitivas no dizer de um sujeito, nos dedicarmos a escutar a sua posição desejante em relação com os outros e com o Outro?

Como sustentar uma teoria das estruturas clínicas fixas, imutáveis e definitivas subjacentes no discurso de Lacan até o fim do seu ensino, e propô-la (depois da sua morte) como fundada nas suas palavras quando podemos ainda escutar o seu discurso: Joyce estava louco: Por que, afinal, Joyce não estaria louco? Tanto mais quanto isto não constitui um privilégio, se é certo que na maioria o simbólico, o imaginário e o real estão emaranhados a tal ponto que se continuam uns nos outros, à falta de uma operação que os distinga — como na cadeia do nó borromeano — do pretendido nó borromeano, diria eu, porque o nó borromeano não é um nó, é uma cadeia. (Braunstein, 2017).

É preciso propender por uma erótica da prática psicanalítica numa época onde o erotismo cada vez aparece menos e o pornográfico aparece mais. Devemos apostar por uma erótica da escuta do sujeito e do seu lugar desejante. O erotismo é sobre a escuta do dizer de um sujeito, das palavras ditas, mas sobretudo daquilo não dito. A psicanálise não pode atuar respondendo a normalizar o desejo em lugares fixos que se patologizam com a sustentação de estruturas clínicas. Não será que a erótica da prática psicanalítica, como nos diz Braunstein, é desenhar uma

cartografia da subjetividade desejante, onde possamos situar a posição desejante em cada sujeito:

[A] posição desejante concreta invocada aqui é variável e depende, não de uma estrutura estanque, mas da relação do sujeito com os outros e com o Outro da sua história que se atualiza em cada momento da sua conjuntura vital ou do desenvolvimento do seu discurso na sessão de psicanálise. É o que nos ensina a clínica sob transferência, é o interruptor que baliza o nosso caminho na resposta que aportamos a um sujeito que padece do significante e que estaria pronto para ceder sobre o seu desejo. Temos muito a ganhar com a ideia de uma cartografia da subjetividade desejante, referência ética do psicopatológico (na realidade, mudança de terreno para a psicanálise: a passagem da medicina para a ética), o que constitui uma subversão frente à falta contemporânea na apreensão do real clínico. (Braunstein, 2017).

A noção de estrutura não quer dizer nada mais do que “nó borromeano” (Lacan, 1976-1977). A consistência do nó borromeano e do enlaçamento real-simbólico-imaginário significa a consistência da estrutura do sujeito.

A clínica em geral (além da práxis psicanalítica), tem sido tomada por uma prática psicológica convertida num assunto de guias e protocolos padronizados. Resgata-se a experiência psicanalítica de semelhante aberração, pois é um método que acompanha um outro ou uns outros. Por isso, pode existir experiência psicanalítica no jurídico, como também na sociologia e noutras disciplinas. Assim, o ato psicanalítico não é exclusivo de uma disciplina como a

psicologia ou a medicina. É hora de não ceder nas palavras para não ceder nos fatos, como dizia Freud.

Há uma “velha” clínica na psicanálise onde continuam a imperar as lógicas biomédicas que se disfarçam de conceitos psicanalíticos “estruturais”, assim como há outra clínica (chamá-la nova é um esnobismo). Nessa outra clínica, um caso só serve para esse caso; não há uma orientação clínica guiada por uma estrutura “dentro” de um sujeito (neurose, psicose, perversão), nem muito menos uma clínica da neurose ou da psicose para todxs. A outra clínica é não toda, é a isso que a experiência psicanalítica deve apontar.

Aí está tudo? Se falei dos tipos clínicos, não foi sem razão. Gostaria de fazer uma observação, e é que os sujeitos de um tipo – histérico ou obsessivo, segundo a velha clínica –, não têm utilidade alguma para os demais do mesmo tipo. É mais do que concebível, toca-se com o dedo todos os dias, que um obsessivo não pode dar o menor sentido ao discurso de outro obsessivo (Lacan, 1973).

A clínica dos nós ou nodal reestrutura o que para alunxs é uma clínica estrutural. A clínica nodal é aquilo que nos retorna ao ponto: a cada sujeito é preciso escutá-lo na sua singularidade. Não há estruturas que agrupem o sujeito numa neurose, psicose ou perversão:

A experiência psicanalítica é nodal, onde os sintomas são nós que se entrelaçam segundo cada sujeito e a sua singularidade. A questão começa no facto de haver tipos de sintomas — isto é, de nós —, que há uma clínica, uma clínica que é anterior ao discurso analítico; (...) A análise,

o discurso, a ideia do sintoma como nó, lança alguma luz sobre essa clínica anterior? (Lacan, 1975).

A resposta a esse questionamento lacaniano é dada pelo próprio Lacan no seminário 21: *"Os Nomes do Pai"* ou *"Os não incautos erram"* (1973-74), onde nos diz: "Minha querida estrutura, Minha estrutura de pacotilha!, mostra ser nó borromeano!" A experiência psicanalítica, essa outra clínica, não é um assunto de "estruturas clínicas" (já se disse que Lacan nunca a propôs como tal, mas sim Miller no seu afã de fazer uma clínica "demonstrativa" para distanciar-se do seu passado teórico-filosófico, dividindo os psicanalistas "teóricos" dos psicanalistas "clínicos"). É algo nodal, e a questão é como escutar esses enlaçamentos do sujeito com relação ao gozo e ao desejo que o configuram: "O desejo não tem outra substância senão a que se assegura com os próprios nós" (Lacan, 2010, p. 152).

A práxis psicanalítica visa subverter a subjetividade sofredora de um sujeito e a realidade que conforma dito sofrimento. Se a psicanálise não subverte a subjetividade sofredora de um sujeito e a realidade que o circunda, seria mais uma prática de muitas que o mercado neoliberal oferece para adaptar o indivíduo aos ideais da contemporaneidade, e que têm mais a ver com ter do que com perder ou soltar.

Soltar é perder criando, fazendo da ausência a possibilidade de outra presença. Freud dizia que as palavras são mágicas, bálsamos para a alma, mas só o são quando encontram alguém que as escute. A experiência psicanalítica é uma práxis da negatividade onde surge a potência criadora de viver. As palavras podem converter-se num ato criativo

quando, entre palavra e palavra, possibilitam a partir de um vazio outras palavras. Ali surge a poesia e a beleza.

Precipitem-se para aceitar o assento dobrável que o *establishment* oferece, sobretudo o médico, mas também o universitário, os psicanalistas adquirem sem dúvida algumas vantagens imediatas, mas perdem a sua vocação própria. Por aí seguem a ladeira do retorno discreto à ordem médica e universitária. É o princípio mesmo da função superegoica de uma “ordem” à qual se deveria render e adaptar que a psicanálise põe em dúvida, tanto na sua relação com os poderes públicos como nas curas individuais. A teoria psicanalítica não é um corpo doutrinal que conviria ensinar, mas sim o conjunto de referências que permitem ao analista escutar o seu paciente, (...) Paralelamente, é também a noção de doença mental que fica subvertida. O médico não pode ter a este respeito outra fórmula para propor senão a de fazer um diagnóstico de eliminação (Clavreul, 1983, p.177).

Escutar não é ficar calado, é permitir que o silêncio vá ao ritmo de cada palavra para que se elabore um dizer sobre o sujeito, esse que com a sua valentia recorre ao ato de contar-se com outro: “Aprendes a ler o que em silêncio o amor escreve. O amor subtil sabe escutar com os olhos. Se não é certo, então ninguém amou nunca e eu não escrevi nada”, diz-nos Bataille.

A psicanálise não defende a liberdade abstrata que o capitalismo neoliberal promete como ideal. Pelo contrário, possibilita a um sujeito situar-se num lugar que lhe permita dizer: É correto rebelar-se! Na época onde quase tudo se pode comprar, aparece o erotismo enlaçado ao desejo, o qual se constitui à volta de um objeto inexistente. E cada vez que

se tenta capturar esse objeto, aparece o gozo. Os objetos de desejo que a hiperprodução capitalista tenta vender-nos não são mais do que objetos de gozo. É assim que a psicanálise continua a insistir no desejo, no erotismo e no amor como atos que insistem no lugar do sujeito. O erotismo surge quando o desejo assinala o sendeiro de cada sujeito, advertindo que não há nenhum objeto, mas sim uma descontinuidade que converte esse sendeiro num abismo. O desejo é o que pode dar um marco a esse abismo, enquanto que o erotismo borda esse marco. É assim que em cada sujeito habita uma descontinuidade impossível de ser saldada pelo sujeito ou outros. Não é por acaso que um dos autores que melhor pensou o erotismo sustentava que:

Cada ser é distinto de todos os demais. O seu nascimento, a sua morte e os acontecimentos da sua vida podem ter para os demais algum interesse, mas só ele está interessado em tudo isso. Só ele nasce. Só ele morre. Entre um ser e outro há um abismo, há uma descontinuidade (Bataille, 1997, p. 16-17).

O trabalho psicanalítico é um acontecer amoroso, um enlace erótico que, a partir de um dizer, possibilita a escuta do sujeito, subvertendo o seu lugar para transformar a sua realidade. Esse acontecer amoroso é um ato erótico-político. A psicanálise é uma erotologia, e isso o psicanalista francês Lacan o sabia, já que se trata do desejo. A psicanálise é uma erótica porque se responsabiliza por um objeto que não está, que nunca esteve e nunca estará. Não ceder no desejo tem a ver com fazer um duelo trágico pela inexistência do objeto do desejo, que dará passo ao objeto *a*. Esta erotização do desencontro com o objeto pode trazer sofrimento, mas

também uma possibilidade de fazer algo com esse resto que assinala um vazio.

Há erotismo ali onde o amor permite ao gozo condescender ao desejo. O amor tem uma função de véu, enquanto envolve, veste o corpo como objeto. Aí a erótica é a criação do belo/sublime, que é a consequência de dar forma e lugar ao desejo. A psicanálise como erótica é o lugar de uma escuta sublime. A erótica, na experiência psicanalítica, é bordar o vazio que se vai entretecendo com palavras, posicionando o sujeito de outra maneira. Ali, a travessia do fantasma é reconhecer que sempre há um vazio, e este, ao ser bordado, cria um buraco, que possibilita a elaboração de um saber fazer, sendo este um ato criativo onde o sujeito pode situar-se. O encontro com o vazio do real possibilita um lugar para o sujeito, assim que o analista é um suporte, um sustento, como dizia Winnicott do objeto transicional, o objeto *a* separador. O desejo do analista deve buscar essa diferença absoluta entre o objeto *a* e o Ideal (Lacan, 2003). Esta erótica permite dar forma à perda irremediável do objeto, criando um buraco que borda o vazio. A psicanálise propõe uma erótica que põe em jogo a sexualidade, essa que Freud nos assinalou como traumática. Porquê? Da sexualidade não se pode saber tudo, sempre há algo que se escapa dela.

Ser explícito tampouco resolve o aspeto místico, de facto, normalmente mata-o, já que as pessoas não querem tanto ver o sexo, quanto experimentar as emoções que se obtêm com o ato sexual. E estas são difíceis de transmitir num filme porque o sexo é todo um mistério. David Lynch

Esse mistério não é algo diferente do vazio. Isso que Lynch chama mistério está ordenado pelo sexo, velando a verdade do real. Por trás desse véu há um vazio. Reconhecê-lo e fazer algo sublime com isso é o que se tem denominado como erótica, e essa é a aposta da psicanálise desde Freud.

O Eros é uma placa arcaica, pré-humana totalmente bestial, que aborda o continente emergido da linguagem sob duas formas: a angústia e o riso. A angústia e o riso são as cinzas dispersas que caem lentamente desse vulcão. As sociedades e a linguagem não deixam de se proteger perante esse transbordamento que os ameaça. Para isso inventamos país, ou seja, histórias a fim de dar sentido ao acaso de um arrebatamento que nenhum de nós pode ver. (Quignard, 2000, p.10).

A arte erotiza o buraco do vazio por meio de um ato criativo. Nessa medida, a psicanálise faria da sua escuta uma arte onde um sujeito, por meio do seu dizer, borda esse vazio com o buraco do seu ser, erotizando a sua existência. A psicanálise é uma prática erótica, que vai da angústia ao riso e da tragédia à comédia.

A comédia é uma armadilha-de-desejos muito curiosa. Cada vez que uma armadilha para desejos funciona, estamos na comédia. É o desejo na medida em que aparece onde não se o esperava. O pai ridículo, o devoto hipócrita, o virtuoso que é presa de uma empresa adúltera: eis com que se faz a comédia. É necessário esse elemento que faz com que o desejo não se confesse. Máscara-se e desmascara-se, troça-se dele, às vezes castiga-se, mas isso é só formal, já que nas verdadeiras comédias o castigo nem sequer roça a asa de corvo do desejo, que escapa intacto (Lacan, 2014, p.460).

Escutar a tragédia do sujeito e transformá-la em comédia, assim como Freud fez da tragédia das histéricas outra coisa.

Freud fez do sofrimento trágico das histéricas do século XIX um lugar de escuta, deu-lhes um lugar, além das mulheres sofredoras que pagavam com o corpo por não encontrar um lugar na rígida sociedade vitoriana. Freud pôde fazer da sua prática, que provinha da medicina, um lugar para a erótica do corpo feminino, e isso foi o que o seu mentor Breuer não pôde suportar, quem ao primeiro vislumbre dessa erótica saiu espantado. A experiência psicanalítica não é um divã, nem um divã faz dita experiência. A experiência psicanalítica, se isso se pode associar com a práxis psicanalítica, seria um significante onde alguém se situa para arriscar-se por um sujeito para que possa elaborar o seu dizer. O que nunca pode acontecer nessa práxis é que um significante se torne signo (Le Gaufey, 2004).

Embora seja certo que se a psicanálise na sua experiência deu um lugar a alguma erótica do corpo, é à feminina. Trata-se da primeira terapêutica que dá voz à singularidade da mulher, voz que tinha sido relegada e confinada na dor do corpo que não era escutado. Nesse sentido, não é descabido dizer que a psicanálise é um dispositivo, primeiro, que abre um lugar para escutar o singular e o indizível do feminino. Freud inventa a psicanálise através da escuta dos corpos que falam a partir dos seus sintomas por meio da sexualidade reprimida das histéricas. Mais tarde, a psicanálise se reinventa escutando a loucura erótica das psicóticas. A psicanálise se inventa e se reinventa a partir de escutar as eróticas do corpo.

O marco, a janela, fazem do que emolduram um lugar sagrado. O erótico conecta-se ao sagrado por meio de um marco que limita. Na atualidade, cada vez é mais difícil o erótico porque os marcos são desfeitos, as fronteiras cada vez mais difusas, os objetos entram e saem sem nenhum limite, e aí não se pode, como nos assinala Bataille (1997), fazer da atividade “uma exuberância da vida” (p. 15), nem muito menos aproximar-se da morte mesma. Sem aproximação à morte não pode haver vida. O simbólico da morte é o que permite que se possa sustentar um real da vida, e os corpos ficam à mercê de um imaginário que não se pode conectar nem ao simbólico da morte nem ao real da vida. Corpos consumíveis, corpos que se colocam como objeto de um gozo mortífero, um gozo obsceno, onde só há corpos mostrando-se, exibindo-se: o gozo pornográfico.

Todo erotismo é sagrado, dizia-nos Bataille. É preciso criar marcos. O erotismo requer tempos, silêncios, espaços, pausas, é um véu por tecer e destecer. Como Penélope, com essa tela mortuária tece e destece esperando Odisseu. Esse ato de tecer e destecer é o que permite acolher o outro, dar-lhe um lugar, é a possibilidade de erotizá-lo. O trabalho psicanalítico trata-se disso, destecer para tecer, também cria marcos que sustentam o real da vida. É um campo que oscila entre a vida e a morte, o trágico e o cômico, o doce e o violento. Não é por acaso que Eros é um semideus, um *Daimon*, filho de Poros, o recurso, e de Penia, a pobreza. Daí que sempre esteja entre o limite da indigência e da saciedade. Eros é o que se situa entre o mortal e o imortal, é uma potência intermediadora entre a vida e a morte, é capaz de colocar os nossos corpos entre elas, como o momento orgásmico. Se a psicanálise é uma prática

erótica, então é um lugar onde o sujeito pode elaborar um saber fazer sobre a vida e a morte, pode colocar o seu corpo ali, a partir de uma potência, a partir de uma possibilidade, a partir do sendeiro do desejo que se abre à morte e à vida.

A vida pode ser uma tragédia insuportável. A aposta psicanalítica é poder fazer desse insuportável uma comédia capaz de ser vivida. Do vazio do real não se pode dar conta senão *a posteriori*, a partir do imaginário e simbólico que dão forma e consistência ao buraco. O mesmo do sujeito, só a partir das suas manifestações subjetivas, os seus sintomas, piadas, lapsos, sonhos. Por isso, o dispositivo psicanalítico é uma forma de enlaçar o real, simbólico e imaginário.

A psicanálise não cura como a medicina, é uma cura, mas uma do cuidado de si e dos outros, é uma *epimeleia heautou*, uma *cura sui*, é uma cura da prática espiritual onde se acompanha o outro nesse cuidado de si e dos outros. Atravessar uma psicanálise não é tornar consciente o inconsciente, não é saber muitas coisas, nem sequer é saber mais, é saber fazer com o que não se sabe. É sempre um caminho por transitar, para nunca alcançar, é uma práxis do fazer com a impossibilidade de saber.

O que é uma práxis psicanalítica por fazer-ser? É uma práxis que nunca se termina, nunca se fixa, uma práxis da incerteza, onde não há categorias prefixadas, onde em cada encontro com isso que se diz e se escuta ocorre um acontecimento, fazendo emergir o sujeito do inconsciente, esse que não sabe que sabe e que crê que há um Outro que sabe o que não sabe. Este acontecimento fará que em algum momento possa reconhecer-se que ele sabe o que não sabe.

Nesse momento, poderá situar-se de outra maneira frente à fatalidade do destino e recriá-la numa vida por viver. O amor é uma suplência que permite fazer laço com o outro a partir da impossibilidade de fazer um com esse outro.

O ato de escutar a um outro é sustentar um espaço onde esse outro possa dizer algo que nem sequer se atreve a dizer a si mesmo. O ato da escuta é a possibilidade para um sujeito, para o seu dizer, para viver. Escutar palavras é também escutar os silêncios entre elas, mas, sobretudo, é escutar os sussurros da alma entre palavras e silêncios. Uma palavra que ressoa, uma palavra que vibra de uma maneira diferente. Escutar é o ato que permite sentir a agitação que sucede no silêncio entre palavras que assinalam que um significante dá conta do sujeito perante outro significante.

A diferença entre vazio e nada é que, nesta última, introduz-se algo nesse vazio que pode ser ominoso, terrível, um fantasma ou espectro que nos angustia. Não estamos na época do vazio, mas da nada espectral, um fantasma que nos condena a padecer a sua presença totalizante, perante o qual nos restam as distrações. Os *reality shows* são uma prova disso, assim como as redes sociais, ou deixar de sentir, que se traduz nas drogas como os opiáceos e os seus derivados, ou o suicídio, não como uma saída para a morte, mas para a vida sofredora.

A desesperança assinala-nos um final: “*Hope is over*” (a esperança acabou), mas sempre é preciso recordar que é um final aberto, como nos assinala a psicanálise. Assim, esse final pode-se destecer para voltar a tecer. O espaço analítico é onde um sujeito pode fazer desses tecidos que destece e

tece uma rede com os outros, um laço social para poder fazer da vida algo que se pode acompanhar com os outros, uma rede de tecidos que sustentam não só uma vida, mas uma vida com os outros.

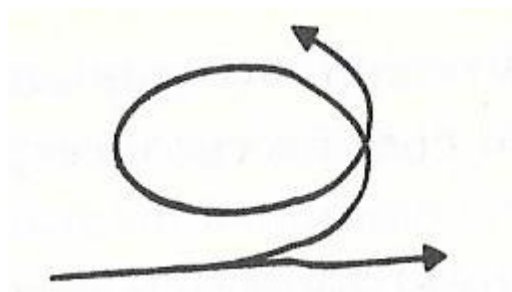
O desejo, esse caminho tão difícil de percorrer e tão fácil de evitar. Por isso, transitá-lo é uma questão não só de valentia, mas de persistência e insistência. É um caminho que nunca termina de ser percorrido, onde o seu final seria a morte. Nesse caminho é preciso fazer da vida uma estética da existência. O nó faz referência às "três dimensões do espaço habitado pelo falante", e disso deveria interessar-se a outra clínica na psicanálise.

Viver é resistir, diz-nos Jorge Semprún, ao que também podemos dizer que é re-existir, é poder fazer de cada história uma reescrita de vida, é poder fazer com os nossos fantasmas esmagadores uma recriação fantasiosa onde a vida possa ser vivida. E disso se trata a experiência psicanalítica, da possibilidade para que um sujeito possa fazer da sua re-existência uma arte de viver. Somos atirados ao mundo, como nos dizia Heidegger, estamos desamparados, como nos dizia Freud. O assunto é como tornar esse arremesso, esse desamparo, num alojamento, num habitar o mundo. Essa é a tarefa da psicanálise: sustentar um espaço para que um sujeito possa criar a possibilidade de habitar-se.

A diferença entre um lar e uma casa é que no primeiro há um lugar para que o sujeito possa alojar-se, por isso aí podem surgir sonhos e desejos. Para Kant, o sonho tem por função descobrir o que teríamos sido; para a

psicanálise, neste pretérito, abrem-se caminhos para devir em possibilidades de ser.

O vazio é isso que nos faz diferenciar o todo e o nada. Tanto num como noutro estamos esmagados como sujeitos, já que é impossível tentar preencher o vazio, porque o que assinala é que sempre ficamos com nada. O assunto sempre é bordar esse vazio. Na práxis psicanalítica, é isso o que se escuta: como um sujeito se posiciona num tempo em espiral, como nos mostra Cheng (2022) no seu livro “Vazio e Plenitude”. Poder sustentar um vazio onde um sujeito possa escutar-se, onde possa situar-se como a consequência de uma história, onde um passado possa conectar-se a um presente para um futuro.



O ato psicanalítico é uma poesia da ausência e com isso faz presença, é a possibilidade de criar por meio de um vazio irreduzível. O amor é um significante que permite fazer um signo do desejo e traçar um caminho para que um sujeito transite a vida.

Há ruídos que nos deslocam. O ato psicanalítico da escuta se enfrenta à aposta de sintonizar esses ruídos para

poder dançar com eles ao ritmo de uma melodia. A práxis psicanalítica converte o real da vida num baile com um outro através da produção de uma música que provém do Outro. A paradoxo do ser na psicanálise é que só posso ser no meu dizer, mas em cada dizer nunca posso ser. É assim que o meu ser é uma impossibilidade de dizer-ser, é um deslize permanente, e é nessa impossibilidade que só posso ser.

O Outro deve ser riscado. O ominoso é aquilo que se mostra sem véu, sem limites, "eu sou a lei", que se torna perverso. Perante a impotência de reconhecer a diferença, ele a instaura à força, impõe a falta ao outro para sustentar um Outro completo. Elevam-se aqui a significantes que se fixam como significados de ordem, de completitude. Assim, a práxis se converte em algo completo, sem falhas nem fissuras. O assunto é que a constituição da cultura necessita de alguma falha, de uma fissura, de alguma incompletude. Sem isso, não é possível a criação cultural nem muito menos o desejo que sustenta o sujeito e sua subjetividade. Assim, a própria práxis pode emergir como sintoma, como aquilo que assinala a falha que uma práxis "pura" tenta estancar.

Uma psicanálise bacana possibilita a escuta, é uma aposta que não só denuncia uma práxis, mas que é um sintoma que deve ser escutado para impedir que a repetição seja um retorno cada vez mais avassalador e esmagador, tanto para a própria práxis psicanalítica quanto para os laços sociais. Se uma práxis psicanalítica deseja aproximar-se da comunidade, teria que, não só ser furada, mas constituir-se topologicamente na entrada e saída do sujeito, um lugar onde a escuta permita essas saídas e entradas. Os espaços totalmente fechados e totalmente abertos que remetem a um

nada, e o que se pretende aqui é que sejam espaços para possibilitar bordá-lo, tecê-lo.

## 1.2. Subversão, sujeito e psicanálise: além da felicidade

Kepler foi quem terminou de eliminar os resíduos geocêntricos. Se com Copérnico se inaugura o descentramento do mundo, com Kepler conclui-se aquele movimento, o que dá lugar ao descentramento do universo, o qual já não é um todo temível e terrível, mas sim um universo ao qual podemos aceder para saber algo, um universo furado. O que a psicanálise vem assinalar é que nós não somos o centro de nós mesmos, pois há algo em nós que é o sujeito do inconsciente, e essa é a subversão do sujeito para a psicanálise.

Assim como o universo é furado, é não-todo, o sujeito que Freud descobre e Lacan teoriza depois, é um vazio, do qual só podemos dar conta furando-o. O sujeito é o dizer de uma ausência, de um vazio, e isto último é o que arrasta o sujeito a nomear-se mediante significantes e a dar a sua existência, mas é entre esses significantes que se pode deixar entrever esse sujeito. É a forma o que arrasta o conteúdo, contrário ao *slogan* de uma famosa publicidade de bebida gasosa. A imagem é não-nada, o que não quer dizer que a imagem seja toda, mas sim que a imagem é não toda.

Graças a que a imagem é não toda, pode existir a erótica, que tanto se perdeu hoje, além do desejo e do amor. É disso que não se pode totalizar que surge uma erótica do desejo. Poder-se-ia dizer que o sujeito é erótica porque nunca

pode ser apanhado, totalizado, dito por completo, desliza entre significantes. É como se o sujeito e o seu desejo estivessem sempre por fazer-se. Não será isto o que na verdade significa fazer amor? Não podemos tomar tudo do outro, assim que necessitamos conectar-nos a ele por meio do amor, um amor que não pode ser dito todo, mas nessa impossibilidade se faz o amor com o outro como sujeito. Este fazer amoroso pode ser feito de mil e uma formas, não há um guia nem um protocolo, por muito que os e as sexólogas o queiram converter num catálogo para nos evitar a angústia que esse sujeito como próximo nos traz.

O amor conecta-se ao vazio, tendo o seu sustento no desejo. É ali onde a dor e a melancolia que surgem da ausência podem fazer com que uma vida seja vivida por um sujeito. A psicanálise aqui seria um saber fazer sobre o real da vida, uma arte de viver que cria sobre o vazio do sujeito.

Mas nesta época é difícil apostar por essa subversão do sujeito, por uma erótica do desejo e do amor no sujeito. As práticas psicológicas têm produzido um eu - individual com autoestima, e capaz de ser empreendedor e feliz. Também se podem constituir práticas *psi* que subvertam estas tendências dominantes, linhas de fuga ou de re-existência. O sujeito que a psicanálise propõe é um sujeito que não se deixa apanhar. O que é apreensível é o eu por meio das suas identificações, preso nos mandatos superegoicos que o obrigam a afiançar as suas identificações aos ideais do capitalismo neoliberal. O sujeito é isso que não se pode colonizar.

Uma práxis psicanalítica que possibilite pensar e viver de outras maneiras diferentes às de um eu empreendedor, uma práxis que subverta essa ordem impositiva do capitalismo neoliberal de todos felizes e produzindo para consumir. Uma subversão política do sujeito é um lugar erótico-político onde o desejo é o que traça um caminho não calculável, nem quantificável, nem rentabilizável, ou seja, algo está sempre por-vir, por advir, contrário a esse indivíduo euico fixo às suas identificações.

### 1.3. A impotência individual do amor

O outro problema que surge nesta individualização psicológica é o do amor. O indivíduo é a persistência da ilusão do um, daquele mítico amor da fusão do dois em um que nos últimos anos criticou o filósofo francês Badiou (2021). Mas o indivíduo é a fusão na unidade sem amor. Apostar então pela divisão do sujeito que a psicanálise propõe seria apostar pelo amor. O sujeito cindido é uma aposta pelo amor, de um dois que nunca se torna um, de dois sujeitos que nunca podem ser indivíduos, nem podem converter-se em unidade. Os ataques em que o amor está envolvido na atualidade, inclusivamente rotulando-o de ilusório, esquecem que o ilusório não é o amor, mas sim a ilusão do um, a ilusão da unicidade do indivíduo. O amor seria o que aposta pelo dois.

Algo há de universal no amor e por isso todas estas histórias interessam a um público massivo: todo amor propõe uma nova experiência de verdade acerca do que significa ser dois e não um. Qualquer amor aporta uma prova de que o mundo pode ser encontrado e

experimentado por fora de uma consciência solitária (Badiou, 2021, p. 44).

O reverso desse indivíduo autônomo da autoestima é a depressão ou as respostas solitárias de gozo de hiperprodutividade e consumo. O amor quebra a ilusão do indivíduo. No capitalismo neoliberal essa possibilidade torna-se cada vez mais difícil, já que as práticas psicológicas converteram num *slogan* o imperativo de "amor próprio", o que, como todo mandato superegoico, é um ideal impossível de satisfazer, e esta impotência dos mandatos a cumprir retorna como sintomas depressivos. Nesse mandato de amar a si mesmo há uma eliminação do outro, um amar a si mesmo sem a incomodidade ou o insuportável do outro.

Assim, resulta curioso que, no fragmento poético de Rimbaud (1993): “Há que voltar a inventar o amor” (p. 59), se proponha uma nova ordem do amor. Enquanto que, a partir de um olhar filosófico, segundo Dolar (2017): “a missão da filosofia moderna seria então nada menos que a invenção do dois” (p.13). Seguindo essa lógica, para a psicanálise o que seria: “há que reinventar o sujeito, isso que nunca vai poder dizer eu de uma maneira completa, mas sim dividida.”

O individualismo euico é impotente frente ao amor, ao reconhecimento da diferença do outro como próximo. Tomar esse *eu*, inclusivamente, para a própria psicanálise, foi uma via nefasta, como o coloca Lacan:

Os termos para os quais propomos aqui o problema da intervenção psicanalítica fazem sentir o suficiente, parecem-nos, que a ética não é individualista (...) Mas a sua prática

na esfera norte-americana reduziu-se tão sumariamente a um meio para obter o «sucesso» e a um modo de exigência da «felicidade», que convém precisar que esta é a renegação da psicanálise (Lacan 1997, p. 399).

As práticas psicológicas souberam aproveitar esse eu, desde a autoestima até a felicidade, dedicando-se a essa ortopedia do eu. Por isso, hoje mais do que nunca é necessária a psicanálise, porque nunca se rendeu perante os brilhos do eu de sucesso, tanto para os que queriam ser escutados quanto para os que escutavam. Daí que toda a aposta psicanalítica lacaniana sempre fosse pelo sujeito, deslocando a pretensão unificadora euica, ou onde o *eu* inventa uma identidade ou uma coerência (Foucault, 1992, p. 10). O advento do sujeito pretende dissolver as histórias que avançam progressivamente para o seu sucesso. Pelo contrário, o sujeito é precisamente o oposto. O auge do *eu* em todas as suas formas nas práticas psicológicas é o do triunfar “Winner Psychology”, e para isso conseguiu colonizar e pôr definitivamente a bandeira de colonização nesse indivíduo. Desafortunadamente para esses interesses, sempre há algo que lhes escapa, e é o sujeito. Enquanto houver sujeito, há possibilidade, frente ao destino fatal que se impõe nas identificações euicas dos ideais do capitalismo neoliberal, lugar que se mostrou a partir de uma totalidade, mas pode emergir também uma alternativa, a subversão, algo outro: o sujeito.

O sujeito é abertura, é um vazio que não se pode preencher por muita identidade euica que tente fazê-lo, e isso significa que é o reverso do indivíduo. Enquanto muitas práticas *psi* enaltecem o indivíduo, e convertem o seu lugar no seu ideal, para uma prática psicanalítica, o sujeito se

converte no reverso, na porta de trás que lhe pode oferecer uma saída para outras possibilidades diferentes às dos ideais do capitalismo neoliberal.

## 2.

### Uma Psicanálise Bacana, Abigarrada e Subalterna

Não me considero lacaniano, marxista, nem sequer foucaultiano, apesar de utilizá-los nos meus escritos como a outros autores europeus e norte-americanos. Tenho um pouco de cada um deles, mas apesar disso, não sou eles, felizmente. Sou algo mais do que a soma de todos eles: o que sou? Sinto-me melhor como subalterno no dizer de Spivak (2003), que retoma Gramsci. Ela, uma indiana que se aproxima mais do que sou de indígena, palavras que remetem ao significante do outro, do não europeu que sou, ou seja: das índias.

Um subalterno não pode ser escutado, por isso é preciso buscar as formas de o fazer. Ainda bem que também sou caribenho como outro Fanon, não do Caribe francês, mas sim espanhol, mas afinal de contas caribenho, desses indígenas que nunca se deixaram conquistar pelos espanhóis e demais colonizadores europeus. Daí que tiveram que inventar uma fantasia europeia canibal, animalizando o nativo do qual não se podiam apropriar. Foi assim que o denominaram: Caribes.

Embora não seja de pele negra, máscara branca como o livro de Fanon, sou um mestiço para quem é muito difícil não ter uma máscara branca, embora em vez de mestiço devesse denominar-me *ch'ixi* como o assinala Rivera Cusicanqui (2018), ou seja, pele *ch'ixi* máscara branca. O *ch'ixi* não se deixa apanhar nessa ideologia branca dominante que, às vezes, é vista como o único horizonte para ser um

académico ou intelectual num mundo dominado por lógicas brancas ocidentais. Mas chegar a esse *ch'ixi* é um trabalho, é questionar esse colonialismo interno que nos propunha González Casanova (2006), onde substituímos o colonizador branco, espanhol, pelo lugar de mestiço crioulo, e assim continuamos com a lógica colonizadora dominante para outros grupos e coletivos.

De repente dir-se-á que os intelectuais latino-americanos não se comportam como os antigos amos escravistas europeus: será que não continuamos a ser uma colônia, não só económica, mas também intelectual, da Europa e dos Estados Unidos na América Latina? Para dar apenas um exemplo que me diz respeito: quantos psicanalistas lacanianos são levados em conta nas escolas e instituições psicanalíticas além de serem estudantes e discípulos; e quantos europeus são convertidos em mestres e chefes de escolas nos diversos grupos psicanalíticos na América Latina. Mas este não é o único problema, mas sim que os psicanalistas latino-americanos nem sequer conseguem pensar na possibilidade de serem “grandes psicanalistas” se não se analisarem em Paris ou assistirem a algum curso lá, esperando alguma autorização do amomestre, contradizendo, inclusivamente, o ensino do mestre Lacan: “O analista não se autoriza senão por si mesmo” (Lacan, 2012, p.327), alguns dizem *e com os outros*, mas esses outros não têm que viver necessariamente em Paris.

Além de mostrar o colonizador interno, também é preciso mostrar o colonizado, inclusivamente mostrar como essa relação se pode atravessar. Fanon (2009) mostra-nos um olhar a partir da subjetividade do oprimido, onde o complexo

de inferioridade do colonizado tem duas raízes: a económica e a interiorização ou epidermização da inferioridade. Nas instituições académicas, incluindo as psicanalíticas, desejamos branquear-nos, ter aprovação europeia, *membresia* de algum grupo autorizado por eles, e nesse afã recorro a Fanon (1983) no seu livro *Os Condenados da Terra*, quando diz:

O mundo do colono é um mundo hostil, que rejeita, mas ao mesmo tempo é um mundo que suscita inveja. Vimos como o colonizado sempre sonha em instalar-se no lugar do colono. Não em converter-se em colono, mas sim em substituir o colono (Fanon, 1983, p. 25).

O psicanalista ou o intelectual académico aceite por uma dessas instituições com sede na Europa ou nos Estados Unidos perseguirá aqueles que não são membros, colocando-os no lugar do profano, como fizeram as instituições psicanalíticas da IPA desde Freud ou a AMP milleriana ou os seus rebentos. Neste lugar, o colonizado algum dia espera ocupar o lugar do ideal, o do mestre lacaniano, marxista ou foucaultiano. Isto último não faz parte de um desejo de se situar no lugar do colonizador trans-histórico, nem de um processo individual psicológico, como também não os queria fazer mostrar Octave Mannoni (1990) no seu livro *Psicologia da Colonização*, ao que Fanon contesta com fúria. A ideia de Mannoni era que os colonizados estavam à espera dos colonizadores para serem colonizados, uma ideia que vai na mesma direção que sustenta que as mulheres violadas estavam à espera dos violadores inconscientemente para serem violadas. Michel Tort (2017), num excelente texto: *As Subjetividades Patriarcais: Uma psicanálise*

*inserida nas transformações históricas*, coloca Mannoni como um exemplo de um branco colonizador.

Eu não sou negro, mas é que para estar no lugar de escravo não é preciso ser negro, basta apenas ser latino-americano, africano, trabalhador, mulher, indígena, camponês, etc. E assim como o negro, de Fanon, pode ser que reconheça a minha condição de mestiço latino-americano, mas sem admitir a minha condição mestiça psíquica, e assim evito a minha condição mestiça latino-americana branqueando a minha alma. Fanon sabe que a sua prática clínica e psicanalítica não pode fechar-se imaginariamente no seu consultório, nem pode usar o divã como defesa: “Enquanto psicanalista devo ajudar o meu cliente a tornar consciente o seu inconsciente, a não tentar mais uma lactificação que é alucinação, mas também devo atuar no sentido de uma mudança das estruturas sociais” (Fanon, 2009, p.103).

A linguagem não é neutra, pelo menos a do mundo ocidental é racista. Não é por acaso que o bom, a pureza e a bondade são brancas; o mau, a impureza e a maldade são negras. Nem sequer a linguagem nas instituições psicanalíticas é neutra, os seus significantes encontram-se atravessados por relações de poder, idealizações que fazem com que se constitua um eu do analista. O assunto não é ser fiel ao Outro a partir do imaginário, ser fiel ao seu ensino. Todo aquele que tenta percorrer essa via só pode terminar no pior. É como se o mestiço quisesse identificar-se completamente ao branco europeu, neste caso ao branco europeu freudiano ou lacaniano. Isso é uma ilusão impossível. O problema é que muitos psicanalistas quiseram transpor a prática psicanalítica freudiana e depois lacaniana para uma realidade que pouco ou nada tem a ver com essa

realidade vienense ou parisiense. Daí que se necessita pensar uma prática para estes contextos latino-americanos, não uma psicanálise latino-americana, mas sim uma psicanálise na América Latina.

## 2.1. Choleando a Psicanálise

Assim como o termo *ch'ixi* trabalhado pela socióloga boliviana Rivera Cusicanqui remete a algo não determinado previamente como branco ou negro, como dentro ou fora, mas sim algo que é e não é ao mesmo tempo, rompendo com as lógicas binárias. Poder-se-ia tomar o termo *cholo* usado no Peru para o mesmo, aquilo que é denegrado por não alcançar o ideal mestiço para ser branco, o *cholo* das serranias peruanas que chegava à capital Lima durante todo o século XX, aquele que só chegava para servir. A isso discriminado pode-se dar uma volta para converter esse expulso, excluído, em algo onde nos reconhecermos, e neste lugar reconhecer a nossa subalternidade.

A teoria psicanalítica, que lemos quase sempre, vem em textos escritos em francês e inglês, e é traduzida, em grande medida, em Buenos Aires e na Cidade do México. Os que traduzem estas obras, de alguma maneira, estiveram ligados a Paris ou Londres, e foram formados nas instituições psicanalíticas dessas cidades ou próximas a elas, junto aos mestres. Assim que, quando retornam aos seus lugares de origem, convertem-se nos difusores das obras deles, trabalho que é preciso valorizar, sem eles teria sido muito difícil que pessoas como eu lessem Freud, Klein, Winnicott, Lacan e demais.

O cholo é aquele lugar que para Quijano (1980) está num lugar de transição, que não é e não será: “o grupo cholo não se integra plenamente ao setor “modernizado” ou “urbano” da sociedade, mas sim vai-se constituindo numa “cultura de transição” (p. 69). Por isso, todos somos cholos, nunca seremos os brancos acadêmicos, nem os mestres; vamos cholear-nos, a cholear a psicanálise um pouco. Para isso, vamos recorrer a um cholo, a um excluído.

José Carlos Mariátegui foi um escritor, jornalista e pensador político peruano, também conhecido como: “El Amauta” (que em quíchua significa "mestre"). Entre as suas obras mais conhecidas está: *7 Ensaios de Interpretação da Realidade Peruana*. Para alguns, é considerado como “o pensador marxista mais vigoroso e original que a América Latina já conheceu” (Lowy, 2007, p.17). Para outros, como o psicanalista peruano Saul Peña, Mariátegui está no mesmo caminho traçado por Marx quando diz: “O pensador peruano não só quer interpretar o mundo, mas também transformá-lo” (2017). O mesmo Saul Peña escreve esse artigo que para Mariátegui faz um uso da psicanálise em extensão, o que a torna uma ferramenta valiosa:

O marxismo para Mariátegui é uma espécie de psicanálise do espírito sociopolítico. A psicanálise ganha mais-valia quando se estende a um território extrapsicológico. Mariátegui faz freudismo, não psicologia, dado que o pensamento político social se ideologiza, se deforma, segundo ele, através dos mecanismos de defesa (racionalização, substituição, deslocamento, sublimação) (Peña, 2017).

Este psicanalista peruano escreveu um livro intitulado: *Psicanálise da Corrupção. Política e ética no Peru contemporâneo*, onde fala da violência, da marginalização, da sedução do poder, da corrupção generalizada, temas pouco comuns para um psicanalista formado na IPA inglesa. Mas, ao que parece, não é um caso isolado da psicanálise da IPA no Peru. No final dos anos oitenta e início dos anos noventa do século XX, Cesar Rodríguez Rabanal tinha publicado os livros: *Cicatrizes da Pobreza: um estudo psicanalítico* e *A Violência das Horas. Estudo psicanalítico sobre a Violência no Peru*. Outro psicanalista peruano, Jorge Bruce, formado na IPA francesa e discípulo de Green, numa entrevista que lhe fazem em 2007 comenta:

A psicanálise refugiou-se muitos anos na neutralidade, na teoria de que o psicanalista deve ser como um lençol em branco, que não deve ter nenhuma posição forte que possa interferir com o discurso do paciente. Essa é uma posição cada dia mais insustentável. Cada vez há mais gente, como eu, que se pronuncia publicamente. Está-se abandonando o refúgio da neutralidade que, creio, era uma coartada perfeita para evitar o problema de participar ativamente da vida pública, da *polis*. A minha sensação é que cada vez é mais insustentável a atitude prudente e distante do observador. A realidade exige cada vez mais pronunciar-se, e tal como eu o entendo, pronunciar-se não unicamente como cidadão, mas com as ferramentas que um psicanalista tem. Se não o faz, está incorrendo numa omissão, algo assim como não dar assistência a uma sociedade em perigo (Sánchez-León, y Paredes-Oporto, 2007).

Bruce, conseqüente com o anterior, publica um livro no ano de 2007 intitulado: “Nós tínhamos nos *choleado* tanto”. A primeira coisa que chama a atenção desse título é a palavra *choleado* que no Peru se associa ao indígena das serranias, mas que na atualidade se relaciona a todo aquele que não é suficientemente branco. Bruce segue a linha trabalhada no Peru pelo sociólogo, também peruano, Gonzalo Portocarrero sobre racismo. Para Bruce, a psicanálise tem que elaborar um dizer sobre o racismo no Peru, sobretudo questionar a identificação com o paradigma dominante, algo que faz lembrar Fanon novamente e que o psicanalista peruano, apesar de não o trabalhar, parece chegar a um ponto similar por outros caminhos.

Voltando a Fanon (2009) e o seu livro: *Pele negra, máscaras brancas*, este retoma a tese de Lacan e a sua tese doutoral *Da Psicose Paranoica e as suas Relações com a Personalidade*, que lhe serve para fundamentar a sua hipótese psíquica a partir do repressor e do reprimido:

Falávamos há um momento de Jacques Lacan. Não era por acaso. Em 1932 fez, na sua tese, uma crítica violenta da noção de constituição. Aparentemente, nos afastamos das suas conclusões, mas se entenderá a nossa dissidência quando recordarmos que nós substituímos a noção de constituição, no sentido que lhe dava a escola francesa, pela de estrutura, englobando a vida psíquica inconsciente tal como a podemos conhecer parcialmente, em particular sob a forma de reprimido e de repressor, enquanto que estes elementos participam ativamente na organização própria de cada individualidade psíquica (Fanon, 2009, p.90).

Esta citação de Lacan serve a Fanon como preâmbulo para o que vai ser a sua discussão mais forte neste livro, a crítica a Octave Mannoni. O primeiro critica ao segundo várias coisas expostas no livro publicado em 1950 e intitulado: *Psicologia da Colonização*. Esta crítica dirige-se à justificação da colonização causada por um complexo de inferioridade do colonizado. Fanon toma textualmente excertos do livro mencionado e escreve:

Nem todos os povos são aptos para serem colonizados, só aqueles que possuem essa necessidade. E, mais adiante: Quase em todas as partes onde os europeus fundaram colônias do tipo das que atualmente se questionam pode-se dizer que eram esperados e inclusivamente desejados no inconsciente dos seus súbditos (p.102).

Para Fanon é inconcebível que os colonizados estivessem à espera do colonizador para justificar a sua identificação a esse lugar, e continua comentando sobre isto:

Quando se trata de compreender por que o europeu, o estrangeiro, foi chamado *vazaha*, ou seja, "honorrável estrangeiro"; quando se trata de compreender por que os europeus náufragos foram acolhidos de braços abertos, porque o europeu, o estrangeiro, nunca é concebido como inimigo; em vez de o fazer a partir da humanidade, das boas-vindas, da amabilidade, traços fundamentais do que Cesaire chama as "velhas civilizações cortesias", dizemos que se deve, simplesmente, a que nos «hieróglifos fatídicos» (no inconsciente em particular) estava inscrito algo que fazia do branco o amo esperado. O inconsciente, sim, está aí. Mas não é preciso extrapolar. Um negro conta-me o seguinte sonho: "Caminho há muito tempo, estou muito cansado, tenho a sensação de que algo me

espera, atravesso barreiras e paredes, chego a um quarto vazio e, atrás de uma porta, ouço ruído, hesito antes de entrar, finalmente decido-me, entro e nesse segundo quarto há brancos e constato que eu também sou branco". Quando tento entender esse sonho, analisá-lo, sabendo que este amigo tem dificuldades em avançar, concluo que esse sonho cumpre um desejo inconsciente. Mas quando, fora do meu laboratório de psicanalista, se trata de integrar as minhas conclusões no contexto do mundo, direi:

1. O meu paciente sofre de um complexo de inferioridade. A sua estrutura psíquica corre o perigo de se dissolver. Trata-se de a conservar e, pouco a pouco, de o libertar desse desejo inconsciente.

2. Se ele se encontra até este ponto submerso no desejo de ser branco é porque vive numa sociedade que torna possível o seu complexo de inferioridade, numa sociedade que extrai a sua consistência da manutenção desse complexo (Fanon, 2009, p.103).

A ideia não é voltar a uma espécie de pensamento autóctone latino-americano, nem voltar às nossas raízes, nem, como já se disse, a uma psicanálise latino-americana. É fundamentar uma práxis psicanalítica na América Latina. Daí o percurso por Mariátegui e Fanon, entre outros, uma práxis que dê conta das nossas realidades, e de como estas se constituem a partir do ideológico inconsciente, sem essencialismo daqui ou de lá, sem retornos imaginários ao original que têm caracterizado certas escolas ou tendências, como também nos diz Fanon:

Dito de outra maneira, o negro não deve voltar a encontrar-se perante este dilema: branquear-se ou

desaparecer, mas sim deve poder tomar consciência de uma possibilidade de existir; dito ainda de outra maneira, se a sociedade lhe coloca dificuldades por causa da sua cor, se eu constato nos seus sonhos a expressão de um desejo inconsciente de mudar de cor, o meu objetivo não será dissuadi-lo aconselhando-o <<guardar as distâncias >>; o meu objetivo, pelo contrário, será, uma vez esclarecidos os móveis, pô-lo em disposição de escolher a ação (ou a passividade) frente à verdadeira fonte de conflitos, ou seja, frente às estruturas sociais (p.104).

O nosso destino não pode ser branquear-nos ou desaparecer. Assim, não temos que nos parecer com ninguém em algum centro ou instituição da Europa ou dos Estados Unidos. É preciso utilizar os nossos próprios recursos, ancestrais-indígenas, negros e europeus, para além do ressentimento da reação, como nos diz Fanon, a partir da criação do novo para nos permitir superar as opressões. Por que não pensar numa psicanálise *prieto, naco*, não para essencializar-se nesses lugares, mas sim para pensar a prática psicanalítica a partir desse subalterno, a partir desse outro excluído, e não a partir da identificação de um outro branco ideal, aquele que nunca seremos. Subalternizar a prática psicanalítica a partir disso mesmo que nos envergonha, falar francês ou inglês com sotaque (não só o geográfico), mas sim falá-los a partir daqui. Monsiváis (2002) no seu livro: *Dias de Guardar*, diz que:

*Naco* é o insulto que uma classe dirige a outra e que — história dos anos de fogo — os mesmos ofendidos aceitam e esgrimem como insulto, podendo perfeitamente fazê-lo como autoelogio, do mesmo modo em que os estudantes

alemães se auto-qualificam como “porcos” para recolher com sarcasmos a agressão burguesa (p.120).

Uma prática psicanalítica a partir do quinto pátio não deve dar vergonha. A subalternidade é fazer de um menos um mais, a partir do não-todo do feminino, na teoria lacaniana. Não se trata de um *menos* que faz invejar o que o outro supostamente tem: a brancura, o saber, o falo. O que para muitos se colocava imaginariamente como *menos*, mas do que se trata é de converter esse *menos* em *mais*, não a partir de outra identificação imaginária, nem coisificando um objeto, nem muito menos ontologizando alguma essência. O não-todo do feminino, na teoria lacaniana, não remete a nenhuma carência nem a uma menos-valia. Ao não estar não-toda submetida à função fálica, a lógica do ter e não ter perde a sua força. O que se encontra é o ser sem substância. O sujeito lacaniano é esse vazio, assim que o ter é só um modo imaginário de o preencher, um ser na negatização: “Só o sujeito pode ser esse real negativizado de um possível que não é real” (Lacan, 1961-1962).

## 2.2. Uma Psicanálise *Whitexicans* <sup>7</sup>Não!: Por Uma Psicanálise Abigarrada e *Naco* <sup>8</sup>

Uma psicanálise abigarrada (Gallo, 2021) — poder-se-ia dizer que é diferente de uma produzida por *whitexicans*

---

<sup>7</sup> O neologismo "whitexican" é usado para se referir a pessoas de origem mexicana que se identificam como brancas ou com pele clara, e que por isso exibem atitudes de superioridade e de privilégios.

<sup>8</sup> escrito produto da conferência em Ludens em 21 de março de 2022, Cidade do México, e publicado na Revista Lúdica Ano 2, No 3 janeiro - abril de 2022, páginas 67-71.

— não pode estar a pensar para indivíduos que negam o racismo, a misoginia, a iniquidade, a pobreza, as violências e injustiças, entre outras coisas, que acontecem nos nossos contextos latino-americanos.

Uma psicanálise abigarrada não é para indivíduos que se lamentam por não poder ser bem-sucedidos, *winners*, *avantajados*, privilegiados, mas sim para aqueles que precisamente foram excluídos desses ideais consolidados no capitalismo neoliberal nas últimas décadas. Esta prática psicanalítica abigarrada é para os que se situam no limite, ou tentando ser lacanianos, para os que são situados no litoral, aquele lugar que não tem uma forma definida, um litoral que borda duas formas heterogêneas, e isso é o que pretende uma psicanálise abigarrada.

Escutar um sujeito e o seu lugar em relação ao Outro é a aposta de uma práxis psicanalítica abigarrada, onde nem o sujeito nem o Outro são homogêneos, nem sequer substanciais. Os dois são inconsistentes, daí que nenhum possa completar o outro nem autocompletar-se. Um sujeito representa-se por um significante perante outro significante, mas nenhum significante representa nada em si mesmo. Assim, apesar da ilusão identificatória dos *whitexicans*, este também é outro significante que tem de recorrer a outros significantes para se significar e se situar como aqueles “eleitos” para estar no topo de uma sociedade.

Os *whitexicans* creem que podem significar-se a si mesmos, no lugar ideal de brancura, e a partir desse lugar creem que não existe o racismo, que estamos numa época pós-racial, assim como também creem que estamos numa

época pós-política onde não há nem esquerdas nem direitas, e que o exercício da política é uma questão pragmática de tecno-burocratas neutros. Uma psicanálise *whitexicans* é a que se propõe como uma escuta neutral, um assunto onde o político não pode entrar, numa espécie de ponto zero, onde o analista se coloca como o lugar do Outro que tudo vê e escuta, para além do seu próprio lugar como sujeito.

O sujeito para a psicanálise não é um indivíduo, já que sempre faz referência a um outro, está atravessado pelo social, é situado e se situa ali, a partir dos seus fantasmas inconscientes, esses que nos fazem pensar, sentir, perceber, atender a mesma realidade. O fantasma inconsciente *whitexicans* pode ser o mesmo que ronda certas populações na América Latina, que se consideravam herdeiros diretos dos conquistadores e colonizadores europeus, esses mesmos que negam que aqui houve aniquilações de povos ancestrais e escravidão. Inclusivamente, chegam a dizer que deveriam estar agradecidos porque trouxeram a civilização, e que sem eles não se poderia estar a escrever isto, nem a falar de uma psicanálise, mesmo que fosse abigarrada. Sim, mas esquecem que: “é preciso prescindir do pai com a condição de servir-se dele” como nos dizia Lacan (2006). Assim, não é adorá-lo a partir de um ideal de brancura, e situar-se ali, tal qual como o propõe Echeverría (2010).

Uma psicanálise *whitexicans* nega não só a realidade, mas também o próprio sujeito, situando-o numa espécie de individualidade onde é sempre culpado do seu destino por ser pobre (o pobre é pobre porque quer), ou que pode ser culpado de ser vítima de uma violação até de conseguir trabalho, numa espécie de meritocracia psicanalítica usando

a responsabilidade subjetiva como *joker* para justificar todas essas situações. Assim se branqueia o racismo e as iniquidades históricas sociais, normalizando esses lugares individuais. Uma psicanálise abigarrada é *naco*. Esta última palavra, para um investigador como Carlos Monsiváis em *Dias de Guardar*, significa aquilo que está:

Dentro da linguagem de discriminação à mexicana, equivale a proletário, lumpemproletário, pobre, suarento, o cabelo oleoso e o topete alto, o perfil de cabeça de palenque, vestido à moda de há seis meses..., o *naco* são os desejos obscuros à meia-noite (Monsiváis, 2002, p.120).

A psicanálise é abigarrada e *naco*. Enquanto escrevo isto, a partir da colônia Condesa, onde tudo funciona tão bem que parece não estar no México ou na América Latina, mas não nos devemos enganar: existe o arrabalde para nos recordar que essa perfeição nesses lugares é apenas uma parcela, um espaço limitado, e que os demais lugares são arrabaldes. Monsiváis em *Cenas de Pudor e Leveza* recorda-nos o que é o arrabalde: O afastado por natureza das vantagens e respeitabilidades da sociedade, ali onde as tragédias são mais de verdade e os pobres conhecem as felicidades do sofrimento negadas aos ricos (Monsiváis, 2004, p.80).

A psicanálise abigarrada pode situar-se no quinto pátio sem vergonha, embora também em Condesa, ou melhor, Polanco (colonias relacionadas com privilégios). O importante não é o sítio, mas sim o que se faz com ele. Quando Monsiváis fala de autoelogio *Naco*, não se refere a colocar-se no lugar *cantinflesco* de um “pelado” inofensivo

que diverte a todos, entre eles aos privilegiados, nem tampouco ao lugar identificatório fixo dos não privilegiados. A psicanálise abigarrada não é pura, se alguma vez existiu isso, não se circunscreve imaginariamente a um consultório onde o que prima é o semblante médico de poder sobre um paciente. Daí que seja misturada, sem cor definida. Aqui não se usa o termo mestiço porque, para algunxs que têm trabalhado o tema, como a socióloga boliviana Cusicanqui, *mestiço* tem sido o lugar que muitxs tomaram para negar o indígena e o negro para branquear-se, para assim tentar alcançar o ideal de brancura. E a prática psicanalítica não escapa a esse ideal: para algunxs, só há uma maneira de fazer psicanálise, uma pura, a clínica, a que se faz em Paris ou em qualquer lugar de privilégios.

A psicanálise abigarrada é uma reivindicação, assim como o *naco*, faz-se a partir daqui sem ansiar o que fazem lá nem o que são lá. Isso não significa que se deva excluir o que fazem lá, sempre e quando nos sirva cá, para os fenómenos e problemáticas daqui. “Sou abigarrado” não quer dizer algo concreto nem faz referência a uma essência. Não é preciso voltar a ontologizar, nem às identificações imaginárias que querem manter privilégios históricos. Daí que queiram sustentar as coisas como estão e como supostamente são, porque nada acontece e tudo parece normal, eles lá nos seus privilégios e os demais, nas suas desgraças. Uma psicanálise abigarrada pensou-se para esses últimos que se situam no limite, ou seja, no lugar do sujeito do inconsciente, esses que Freud escutava quando criou a psicanálise, aquelas mulheres que eram excluídas na Viena imperial vitoriana.

Existe um livro que eu não conhecia até à escrita deste texto, esse livro intitula-se: *O Naco no País das Castas*, de Enrique Serna. Num fragmento do texto diz:

O dia em que o México começar a sair do subdesenvolvimento, o primeiro sintoma de progresso económico será uma maior preponderância do *naco* na vida nacional. Mas a experiência demonstra que, neste país de castas, quando tivemos pressentimentos de prosperidade, o mesmo grupo impulsor da descolagem capitalista repudia a incorporação dos marginalizados à sociedade de consumo. Por boas e más razões (desdém aristocrático pela massa, horror à subcultura populacheira, esperança numa quimérica revolução que devolverá ao povo a sua identidade perdida) os detentores do poder cultural e económico decidiram que os *nacos* não deveriam existir. O problema é que sem eles também não existe o país. A guerra silenciosa contra o *naco* impede qualquer tentativa de modernização, mas além disso pode levar-nos a um suicídio cultural. Na atualidade, adverte-se já uma estagnação criativa, tanto no campo da música popular, quanto no terreno das belas letras (Serna, 2001, p. 753).

Para a historiadora da psicanálise Roudinesco (Bassets, 2019), a psicanálise converteu-se numa terapia para ricos, para os privilegiados, daí que na prática psicanalítica tenha mais futuro aqui, no país de *nacos/nacas* no México, *neas* e *ñeros/as* na Colômbia, *villeros/as* na Argentina ou *cholos/cholas* no Peru, porque uma psicanálise para ricos é uma psicanálise para poucos e poucas, que está condenada a desaparecer. A psicanálise será para os/as excluídos/as ou não será. Foi assim que Freud criou a psicanálise, com as excluídas da sua época, aquelas mulheres que não queriam

adaptar-se às normas vitorianas, e por conseguinte eram submetidas a um regime normativizado onde a medicina, em vez de as escutar, as assinalava como loucas histéricas. A psicanálise tem mais possibilidades na América Latina do que noutros lugares, para os excluídos daqui, que são maioria, e para os excluídos de lá. Para os *nacos* daqui, não porque se identifiquem imaginariamente a partir dos imperativos do superego: “tu és *naco*”, mas sim porque usar a palavra *naco* abre outras possibilidades.

O livro de Enrique Serna fez-me recordar outro livro do psicanalista peruano Jorge Bruce (2008), seguindo os caminhos traçados por Mariátegui, este livro intitulado: *Nós tínhamos nos choleado tanto*, descreve as características do racismo no Peru, o racismo na sua quotidianidade. Assim como Freud o fez em *Psicopatologia da Vida Quotidiana*, Bruce fá-lo a partir do lugar do cholo, esse sujeito que não consegue alcançar o ideal de brancura e é rejeitado. Na atualidade, esse ideal anudou-se a outro significante aspiracional e arrivista, como o do empreendedor. Assim, o *cholo* seria como o *naco*: “o que não é”.

Afortunadamente, para a psicanálise não é esse indivíduo bem-sucedido, ganhador, triunfador, a quem aponta, mas sim um sujeito. O que não somos converte-nos numa potência, à melhor maneira de Guattari e Deleuze retomando Spinoza, assim como também converte a prática psicanalítica numa possibilidade. O que não somos é o que nos pode possibilitar, e isto pode ser feito a partir daqui, tomando *caguamas* e escutando Los Ángeles Azules, já que o assunto não é a *caguama* ou um charuto em algum café parisiense, tentando alcançar um lugar ilusório do

psicanalista. O importante aqui é que se possa fazer algo com isso que acontece na prática psicanalítica abigarrada, uma psicanálise possível em cada contexto, prática onde um sujeito possa emergir.

A comédia é subversiva porque dissolve a completitude tanto do Outro como de um mesmo. Poder rir-se do Outro como de um mesmo, abre a possibilidade de algo por criar-se, de algo por sempre fazer-se.

### 2.3. Abigarrando a Psicanálise, Atravessando a sua Colonialidade para se Conectar de Outra Maneira

No teatro municipal da cidade de Bogotá, em 21 de maio de 1920, o médico colombiano Miguel Jiménez López expunha a sua tese segundo a qual a população colombiana atravessava um processo de degeneração causado pela influência negativa do meio ambiente tropical e dos vícios de uma deterioração biológica herdada que conduzia a maioria da população neste país a ser uns degenerados.

O mais desejável para regenerar a nossa população é um produto que reúna, no possível, estas condições: raça branca, estatura e peso um pouco superiores à média entre nós; dolicocefalo; de proporções corporais harmônicas; que nele domine um ângulo facial de oitenta e dois graus aproximadamente; de feições proporcionadas para neutralizar a nossa tendência ao prognatismo e ao excessivo desenvolvimento dos ossos malares; temperamento sanguíneo-nervoso, que é especialmente apto para habitar as alturas e as localidades tórridas; de reconhecidas dotes práticas; metódico para as diferentes atividades; apto em trabalhos manuais; de um grande

desenvolvimento no seu poder voluntário; pouco emotivo; pouco refinado; de velhos hábitos de trabalho; temperado nos seus arranques, por uma longa disciplina de governo e de moral; raça em que o lar e a instituição da família conservem uma organização sólida e respeitada; apta e forte para a agricultura; sóbria, económica e sofrida e constante nas suas empresas. Estas seriam as condições mais apetecíveis, embora, como é óbvio ver, não é tão fácil encontrá-las reunidas em nenhum povo. Creio, no entanto, que as raças que mais se aproximam deste *desideratum* são algumas das que povoam as regiões centrais da Europa, nas quais se misturaram e temperaram felizmente os caracteres dos povos meridionais e setentrionais do Velho Continente. Na Suíça, na Bélgica, na Holanda, na Baviera, em Vurtemberg, no Tirol seria acertado buscar o pessoal da nossa imigração. Seriam também elementos muito apropriados para o nosso solo, pelas suas condições fisiológicas e morais, os bascos, os irlandeses e os bretões, e talvez também os habitantes dos países escandinavos (Muñoz, 2011, p.100-101).

As ideias deste médico influenciaram a Lei 114 de 1922 sobre imigração e colónias agrícolas, onde estipulou o seguinte:

ARTIGO 10. Com o fim de propender ao desenvolvimento económico e intelectual do país e ao melhoramento das suas condições étnicas, tanto físicas como morais, o Poder Executivo fomentará a imigração de indivíduos e de famílias que pelas suas condições pessoais e raciais não possam ou não devam ser motivo de precauções a respeito da ordem social ou do fim que se acaba de indicar, e que venham com o objetivo de trabalhar a terra, estabelecer novas indústrias ou melhorar as existentes, introduzir e ensinar as ciências e as artes, e em geral, que sejam elemento de civilização e progresso.

ARTIGO 11. Os agentes de imigração não visarão passaporte algum de imigrantes que estejam em qualquer um dos casos especificados na Lei 48 de 1920, nem de indivíduos que por condições étnicas sejam motivo de precauções na Colômbia. Fica proibida a entrada ao país de elementos que pelas suas condições étnicas, orgânicas ou sociais sejam inconvenientes para a nacionalidade e para o melhor desenvolvimento da raça. (Chancelaria, 1922).

Chama a atenção na dita lei que são os estrangeiros os elementos que trarão a civilização e o progresso. Esta apelação ao melhoramento da raça, por meio da importação de brancos em oposição à degeneração mestiça, pôde sustentar-se em muitos países latino-americanos por meio do ideal de brancura (Echeverria, 2010), o que trouxe como consequência o extermínio de populações indígenas e negras, para assim assegurar o equilíbrio e desenvolvimento necessário. O selvagem tinha que ser eliminado, o sintoma do subdesenvolvimento, e a maneira de o fazer era importando brancura. Quanto mais branco, mais humano, e assim mais desenvolvido.

A brancura para Echeverria coloca o ideal a partir de uma superioridade em relação ao não branco como desvalorizado, é o feio, o indesejável, o pequeno, o pouco, é a negação do sujeito. O refugo e o lixo. Para o psiquiatra martiniquense Fanon (2015) existe: “uma zona de não-ser, uma região extraordinariamente estéril e árida, uma rampa essencialmente despojada, a partir da qual pode nascer um autêntico surgimento” (p.42). Embora Fanon estivesse a falar da condição do negro na Martinica colonizada francesa, podemos continuar a pensar que, nos diferentes contextos

latino-americanos, os que habitamos neles também temos o mesmo destino que o negro, segundo Fanon, que para afirmar a nossa subjetividade humana temos que negar aquilo que nos desumaniza: o corpo abigarrado. O abigarrado, termo cunhado pelo sociólogo boliviano Zavaleta (1986), é o que não tem uma identidade fixa nem unitária, ali podem convergir diversas temporalidades, é algo que pode ser todas as coisas sem ser nenhuma, assim todas as coisas e nenhuma ao mesmo tempo, inclusivamente, parcial, ou mais bem, no dizer da teoria psicanalítica lacaniana: não-todo (Gallo, 2021).

Perante o significante “amo” de brancura, o sujeito na colônia posiciona-se como um não sujeito. Perante o grande Outro colonial só nos restou não ser. Aqui, o colonizado situou-se como esse objeto rejeitado, mas por sua vez fundamental para sustentar esse Outro colonial, perante o ideal da identidade branca, a total identidade, lugar ao qual era preciso identificar-se para poder ser algo, porque não ser se converte num ato subversivo. Aqui o não ser possibilita quebrar com esse Outro colonial buscando uma saída que não seja denegrir esse Outro, mas tampouco identificando-se inconscientemente com ela. Esses dois caminhos conduziram à miséria colonial.

O apego à brancura é a via contrária para antagonizar a colonialidade. É aí que nesse não ser branco pode levar a posicionar-se num lugar vazio, que quebre com o lugar do Outro colonial, por isso nesse lugar não se pode ansiar aquilo que não falta ser para alcançar essa brancura, por isso o vazio necessita ser radicalmente esvaziado.

O enfoque psicanalítico ajuda-nos não só a recordar a colonialidade, mas também a explicar a forma em que tem operado no sujeito. A nossa danificada subjetividade colonial é produto de complexas operações relacionais inconscientes do tipo tradicionalmente estudado pela psicanálise. Tal é o caso da operação descrita por Frantz Fanon como interiorização ou “epidermização da inferioridade”, como “inferiorização” do não-europeu correlativa da “superiorização” do europeu. É também o caso da europeização como “aspiração” em Quijano, ou seja, o “colonialismo interior” como substituto do “exterior”, a “sedução” que vem depois da “repressão”. Talvez tudo isto nem sequer tivesse podido ser pensado sem a sensibilidade freudiana que impregna subterraneamente o atual pensamento crítico, incluindo o pós-colonial, decolonial e anticolonial. O seguro é que a crítica da colonialidade pode tirar proveito da psicanálise para a explicação de muitas das operações coloniais mais insidiosas, subtis e subterrâneas (Pavón Cuellar, 2020).

Se a nossa mestiçagem foi um ato falhado, um sintoma, é preciso elaborar um saber fazer com ele, fazer desse objeto algo diferente de um sofrimento, passar do sintoma ao *sinthome*. O sintoma que traz um padecimento, pode ser transformado numa nova subjetividade que não seja a resposta perante as reclamações e dívidas do Outro, um invento de um novo lugar, o invento de um significante novo. Ser mestiço já não será o lugar de não ser, enquanto poderá converter esse não ser numa possibilidade de ser. Nesse *sinthome* o objeto *a* virá ocupar o lugar do vazio, não estancando, mas sim assinalando precisamente esse lugar vazio. Ser mestiço, abigarrado, é um artifício que cria esse não ser, nesse ato falhado como uma possibilidade de ser. Nesse lugar insignificante, desse mestiço abigarrado, *villero*

argentino, *Cholo* peruano, *ñero* colombiano ou *naco* mexicano, há algo que nasce do nada para ser algo. Nessa precariedade identificatória inferiorizada pode sustentar-se o desejo que faz emergir o sujeito.

É preciso atravessar o fantasma colonial que nos tem constituído há séculos, e para isso também necessitamos criar dispositivos de escuta, desse sujeito, que possibilitem fazer falar a esses subalternos que não têm podido falar. É preciso recordar-nos que o colonizado, “não pode falar”, como bem assinalou Spivak (2003). Reconhecer-nos como sujeitos capazes de falar e ser escutados, que as nossas indagações teóricas possam ser lidas não só aqui, mas também lá, que nós e nós consigamos que os nossos textos possam ser reconhecidos como tal. Não é falar pelos que não podem, mas sim sustentar espaços para que os sujeitos possam elaborar um dizer sobre eles e os outros, dizer que lhes permita criar outras possibilidades, outros lugares, outros mundos. Não estamos totalmente determinados, sempre há uma fresta, um buraco, um não-todo que nos permite construir, criar outras maneiras de viver.

Nunca podemos chegar a ser como o outro do norte europeu ou dos Estados Unidos. Assim, a única coisa que podemos fazer é submeter-nos a eles, obedecer-lhes, e na melhor das hipóteses, ansiar que se fixem em nós ou em nós, e assim poder ter a bênção de que se aproximem, como um modo de branquear-nos e iniciar o caminho da nossa completitude. Uma psicanálise abigarrada é a única psicanálise possível nos espaços latino-americanos. A psicanálise, ao propor o sujeito do inconsciente, propõe uma desidentificação, o que seria um ataque ao eu individual,

instância que se constitui precisamente por identificações, no nosso caso, enraizadas à volta da colonialidade, e à submissão do ideal de brancura.

É preciso elaborar outra realidade psíquica e fantasmática, anudando-as, e tecendo-as para sair desses ideais identitários que pretendem alcançar o que, supostamente, eles sim são: mais brancos, mais inteligentes, mais bonitos, mais altos, mais ricos, mais psicanalistas, mais e mais. A primeira coisa que temos que reconhecer é que a subjetividade se inscreve em configurações de poder a partir do social. E para isso, também deve sustentar uma escuta que leve em conta que o sujeito não é apolítico. Pelo contrário, este constitui-se à volta de um espaço vazio que é o do político, e as suas manifestações subjetivas produzem-se na política, ou seja, o político é do real e a política do imaginário e simbólico. Daí que a intersecção imaginária simbólica seja fantasmática, enquanto resposta perante o vazio do real político.

A política é a tentativa de simbolizar o Real traumático do político (Gallo, 2020, p. 207), assim como a identidade branca é o véu que tenta, mediante o imaginário e o simbólico, dar conta do sujeito vazio do real, por trás do ideal de brancura a um vazio, que não só diz respeito ao mestiço ou abigarrado, mas ao próprio ideal branco. Inclusivamente, o próprio mestiço foi utilizado como trampolim para alcançar o ideal de brancura, não se situar como mestiço foi uma maneira de negar o negro e o indígena. A mestiçagem foi utilizada em muitas ocasiões para que tudo se encaixasse e funcionasse harmoniosamente,

negando os antagonismos sociais que se manifestaram através do racismo, classismo e machismo.

Ao dissolver as conotações negativas da mistura racial e social, a maioria dos intelectuais dissolve pouco a pouco as categorizações discriminatórias, de modo que tudo parece encaixar harmoniosamente em torno da construção de nação e da integração das diferentes raças por obra da mestiçagem. Na tentativa de compreender essa unidade positiva que se expressa vivamente no conjunto dos países latino-americanos (Chaparro, 2019, p. 177).

O mestiço nega o outro negro e indígena, foi a maneira como as identidades latino-americanas se quiseram fixar no ideal de brancura, esquecendo que o antagônico é criativo. Em vez de negar esses antagonismos, o que é preciso fazer é reconhecê-los. E para isso, o mestiço concebeu-se num obstáculo, por isso o abigarrado não só o resgata Echeverría, mas também Rivera Cusicanqui (2018), colocando o mestiço numa situação esquizoide. Para esta investigadora, a sua proposta é a partir de uma epistemologia *ch'ixi* que é “literalmente se refere ao cinzento salpicado, formado a partir de infinidade de pontos negros e brancos que se unificam para a percepção, mas permanecem puros, separados” (Rivera Cusicanqui, 2015, pág. 310). O *ch'ixi* é uma coexistência de elementos contraditórios para organizar um mundo. Combinação, entrelaçamento, tranças que permitem construir-nos a partir do *ch'ixi*, do abigarrado, para além do mestiço, das identidades que tentam fixar-nos e dos ideais que tentam apanhar-nos.

Dar acolhimento a esses contrários é trançá-los, enlaçá-los sem os fundir, como num amor menos tolo

proposto pelo psicanalista francês Lacan, um que enlaça o não enlaçável. Para Rivera Cusicanqui é preciso descolonizar o mestiço, e para este escrito é preciso descolonizar a psicanálise, descolonizar o psicanalista. Para conseguir tal fim, é preciso desconstruir o ideal do psicanalista. Paradoxalmente, os mesmos que tentam sustentar a ilusão numa pureza psicanalítica, assim como o ideal de brancura, apelando a Lacan, esquecem-se que o psicanalista não existe como bem o propõe Miller (1998):

O analista não existe: é uma formulação que mereceria alguns desenvolvimentos teóricos. Significa que não existe *O* analista, o que não impede a existência dos analistas. Significa que não há um conceito de analista, uma essência de analista, uma ideia, e nesse sentido os analistas podem representar o Outro (barrado) (p. 515).

Mais bem, o psicanalista, o lugar que ocupa é o de não todo, o lugar do feminino, ou o psicanalista é *ch'ixi* ou abigarrado. E o que é preciso fazer em primeira medida é desidealizar esse lugar, desidentificá-lo, desessencializá-lo. É aí onde uma prática psicanalítica poderá pensar-se decolonial, sem purezas, sem autoridades que digam o que é ou o que não é, como se fosse uma questão de pôr autorizações e controles de qualidade. A partir daqui se desconstrói o eu e se deixa sem o seu marco normativo e imperativo ao superego. Longe do fechado do eu ordenado pelo superego, o sujeito estaria aberto sempre a ser, à possibilidade de ser. Não é esse o falasser lacaniano, um sujeito que está implicado com o seu corpo na linguagem. Portanto, esse *falasser* tem que se haver com o seu desejo, com o seu gozo, com o seu (des)ser.

Uma psicanálise *ch'ixi* ou abigarrada seria uma psicanálise para enlaçar-se de outra maneira, assim como fazer com o político outra coisa que não seja uma politiquice. Ali o *sinthome* deixa de ser um sintoma, ali onde deixamos ser o anseio melancólico do que não podemos chegar a ser nunca — a brancura — para poder ser isso que não somos.

#### 2.4 Do Gozo ao Desejo na Psicanálise Bacana e Abigarrada.

O gozo é positividade. Quanto mais positividade, mais gozo. O excesso de positividade em Chul Han seria o gozo do capitalismo neoliberal. As bordas são necessárias, sem bordas advém a angústia de um todo. Assim, bordear seria uma maneira de fazer algo com o vazio para que não nos transborde o todo da angústia que nos deixa num nada devastador. Portanto: bordeemos o real da vida.

O dilema do desejo é que só pode ser possível na sua impossibilidade, como nos diz Simone Weil no seu livro sobre *O Desejo*:

Desejo insatisfeito, insaciável em si mesmo. Na impossibilidade de satisfazê-lo está a sua verdade (...) Se lhe prestamos atenção, todo desejo, satisfeito (relativamente) ou não, é um caminho para a não satisfação. Então se levaram imensos clamores, e todos os seres, e todos os desejos (Weil, 2023, p.36-37).

É preciso pensar uma práxis psicanalítica fora de si mesma, desajustada, indisciplinada, transtornada dessa ordem dominante elitista, classista, machista, racista. *Kaziyadu*, em língua huitoto, significa despertar, o

amanhecer de um novo dia, esse que nos convoca a viver antes de morrer, a um fazer com a vida, com esse real que temos que enlaçar com o simbólico e imaginário de um ternário inventado por Lacan. Isso seria pensar uma experiência psicanalítica bacana, abigarrada, outra.

Uma psicanálise bacana é uma práxis eticamente comprometida, diferente de um modo de defesa perante a angústia generalizada que surge da indiferença cínica, do *aqui não está a acontecer nada*, a partir de uma seriedade sombria, séria porque é em série. A proposta é uma psicanálise bacana onde tenhamos direito a rir e a gozar, um direito que torna o sujeito digno, o direito a sublevar-se do seu destino trágico: “Rir, gozo imenso e delicioso, todo gozo (...) O riso pertence pois, originalmente, ao diabo” (Kundera, 2003).

Uma práxis psicanalítica onde o amor nos faça reconhecer o vazio: “Só podemos amar no vazio” como nos diz Simón Weil. Fazer do amor uma política é simplesmente reconhecer que a alteridade radical do outro é um limite para mim e para esse outro, e que estes não são obstáculos, mas sim modos de criar companhias enlaçadas pelo desejo.

Não há idade para deixar de insistir, não há idade para deixar de persistir. A luta, como nos diz Freud, é entre esse impulso de morte e o impulso de vida. Portanto, cada dia é uma batalha para inventar novas formas de viver no meio de uma morte que espreita com o seu gozo, é um lutar para criar vivendo. Fizeram-nos crer que a realidade é algo imutável e natural, e o que o ato amoroso nos mostra é que é algo que não só pode transformar-se, mas também

transformar-nos. O amor, como nos diz Lacan, é uma mudança de discurso onde um sujeito pode situar-se noutros lugares, noutras possibilidades. O importante para o desejo não é o seu objeto, mas sim a persistência para o conseguir, é ali onde se traça o desejo, no segundo, porque o primeiro sempre é um impossível que traz impotência, o segundo, uma possibilidade sempre criativa para alcançar algo que nunca se consegue. A liberdade só se alcança com o outro. Isso a que chamam liberdade na atualidade não é mais do que um gozo solitário individualista. Só o laço com o outro pode permitir a liberdade, só quando se entrelaçam mãos é que podemos sentir que esse outro nos acompanha a partir da sua liberdade com a nossa.

O inconsciente é isso que nos torna humanos, e é o último que vai resistir perante o controlo dos ideais do capitalismo neoliberal. A vida é jogar. Quanto mais se joga, menos se sofre. O jogo cria a possibilidade de nenhum lugar demasiado a sério, demasiado em série. Sempre cria a possibilidade de poder ser. Ali o sofrimento cede para ser outra coisa. Uma psicanálise deveria conduzir a um saber rir, um saber amar e um saber viver.

Passar por uma psicanálise é enfrentar a coragem de dizer-se uma verdade, e situar-se como sujeito para sustentar o desejo de um caminho a percorrer. Religar perante a inexistência do outro que sacia, esse seria o júbilo da práxis psicanalítica. É preciso inventar significantes novos que criem veredas para possibilitar a instalação de desejos. Religar é fazer com que o laço possa anudar-se de outras formas que não convoque uma atadura, criar, hospedar, sustentar-se sustentando o outro.

Existe uma poética da hospitalidade, uma poética que implica criar, e isto propõem Derrida e Dufurmantelle (2000) no seu livro *A Hospitalidade*: “Não se pode abrir o processo da esperança sem estabelecer ao mesmo tempo o do amor. Um ato de hospitalidade não pode ser senão poético” (p.10). A poética não é só buscar palavras que rimem, poesia é criação, poder imaginar mundos possíveis, por isso é um ato poético que possibilita discursos que tentam e buscam transformar o mundo dado. E esta possibilidade pode começar a constituir-se com a hospitalidade.

Hospeda-se um outro que vem como estrangeiro. É preciso recordar que em grego *xénos* é hóspede e estrangeiro ao mesmo tempo. Daí também provém a palavra inimigo que em latim se conhecem como *hospes* e *hostis*. Isto é importante não só para a psicanálise, mas também para todas as ciências humanas, já que para hospedar necessita-se de um esvaziamento de si mesmo. O primeiro estrangeiro é um mesmo. Assim, para receber-se a si mesmo necessita-se do dom de instaurar uma ausência para sustentar uma presença. Por isso é necessária uma abertura, um lugar não só para se hospedar, mas também para hospedar, são saídas e entradas que se constroem à volta dessa abertura, uma fronteira que nos permite sair e entrar.

O convite é ser hospitalários, sustentar a hospitalidade, ir para essa fronteira onde nos temos que reencontrar com o estranho, para o desconhecido, o inesperado. Hoje somos anfitriões, mas ao mesmo tempo somos hóspedes da nossa própria casa. Acolher-nos nessa casa é um ato prévio a sermos anfitriões dela. Só podemos alojar o outro se antes pudemos alojar-nos a nós mesmos,

nessa sentença freudiana no texto *Uma Dificuldade da Psicanálise* onde nos diz:

Que a vida pulsional da sexualidade em nós não possa domar-se plenamente, e que os processos anímicos são em si inconscientes, tornando-se acessíveis e submetendo-se ao eu só através de uma percepção incompleta e suspeita, equivalem a asseverar que o eu não é o amo da sua própria casa. Ambos, reunidos, representam a terceira afronta ao amor próprio que eu chamaria psicológica (Freud, 1992b, p.135).

Esta sentença devemos tê-la sempre presente, não só para descentrar esse eu indivíduo que o capitalismo neoliberal conseguiu colonizar quase por completo, mas também para entender que não só não somos amo da nossa própria casa, mas que sempre somos hóspedes do Outro a partir da psicanálise lacaniana.

Hospedar o outro abre-nos antes a possibilidade de reconhecer-nos a nós mesmos. Acolher o outro é um dom que nos permite acolher-nos para questionar os nossos próprios saberes, as nossas certezas, as nossas seguranças. Oxalá este convite e hospitalidade seja hoje isso: pura inquietação de si como nos dizia Foucault e o que deve sempre apostar a psicanálise, uma inquietação de si poética, uma que possibilite ao sujeito transformar o seu mundo com o outro.

A partir da falta estrutural evidenciada num vazio que não pode ser preenchido a partir de alguma identidade europeia, nem indígena, nem tampouco negra, ali o mestiço não pode ser o objeto identitário a recorrer para preencher

esse vazio estrutural. O sujeito é o fracasso por preencher esse vazio. Assim, nem europeu, nem negro, nem indígena, nem mestiço, somos o fracasso de qualquer identificação, porque não podemos positivizar com alguma identificação esse vazio. A proposta do subalterno tampouco é preencher esse vazio, mas sim mostrar o próprio vazio. O subalterno é outra tentativa para essencializar o sujeito, embora alguns o queiram conseguir, a partir do fracasso de toda identificação, e é aqui onde a psicanálise, como experiência psicanalítica e política, tem a sua razão de ser. Mas o próprio Lacan adverte que essas tentativas de alguns psicanalistas de querer voltar a buscar a essência do sujeito onde:

Encontrará também com o que se preservar da objetivação psico-sociológica onde o psicanalista, nas suas incertezas, vai buscar a substância do que faz, sendo assim que não pode aportar-lhe senão uma abstração inadequada onde a sua prática se atola e se dissolve (Lacan, 1997, p.418).

Lacan introduziu uma concepção do sujeito que não se reduz a uma essência psicológica (Stavrakakis, 2007). E a proposta do subalterno vai nessa via do sujeito lacaniano, daí que uma psicanálise subalterna seja possível como porvir da própria psicanálise.

O desejo é espera, é a paciência de bordear o vazio que permite que um objeto emergja para assinalar a impossibilidade de preencher esse vazio que o causou. Lacan (1976-1977) no seminário 24 propõe-nos que “O saber inconsciente, tem uma relação com o amor” e no seminário 25: “A análise consiste em que se saiba por que se está enredado nisso” (Lacan, 1977-1978). Assim, a análise é um

saber que desenreda os enredos da vida anudando-se ao amor.

Uma experiência psicanalítica sem política e sem contexto social é apenas uma prática moral policial, onde se indica o que se deve fazer em nome de uma técnica idealizada. Para que serve uma psicanálise senão para construir um gai saber, um saber alegre, uma vida alegre que permita recriar um viver que está ameaçada com o pior. Este saber alegre permite-nos enfrentar estas ameaças a partir de uma possibilidade de ainda se pode, a partir de alguma possibilidade por viver. Saber e sabor têm a mesma raiz *sapere*. Só quando se sabe se pode saborear a vida de outra maneira.

Os escritores mostraram-nos que não somos mais do que personagens de uma obra, somos uma novela familiar como descreveu Freud, personagens de uma novela contada por outros, e que teremos que fazer nossa para a voltar a escrever. É disso que se trata transitar uma psicanálise, reescrever uma novela que já passou, mas que insiste em não deixar de passar para a reescrever. A revolução psicanalítica inventada por Freud introduziu a não existência de um dentro ou um fora, um exterior e interior, normal ou anormal. Isto rompeu com as dicotomias que fundamentaram o pensamento ocidental durante muitos séculos, essas que fizeram com que o psiquismo humano se constituísse com a moralidade do bom e do mau, e pensar que este psiquismo a partir do inconsciente não pode ser situável em lugares dicotômicos, mas sim em espaços complexos, superfícies poéticas inclassificáveis.

Existe uma teoria de um *streamer* argentino "Luquitas" Rodríguez, onde propõe que o jogador de futebol colombiano joga bem ou mal, segundo o seu estado de espírito, sem importar se está a jogar a final de uma copa importante ou não. E o último exemplo seria Daniel Muñoz na semifinal da Copa América perante o Uruguai, jogando um dos seus melhores jogos, como lateral da Copa América, faz-se expulsar por uma cotovelada desnecessária a um jogador uruguaio. Vale a pena ter em conta a dita teoria para pensar que o jogador colombiano não se afasta do "ser" colombiano. Sem entrar em essencialismos, há algo cultural do colombiano: somos passionais, impulsivos até ao extremo, que não importa se destruímos "tudo" contanto que consigamos o que queremos. O problema é que esse que queremos não é o que desejamos em muitas ocasiões. Para desejar necessitamos de pausas, tempos, ou seja, necessitamos de contexto. Na teoria psicanalítica lacaniana seria necessitar enlaçar o imaginário, o simbólico e o real para poder situar-nos perante a vida da melhor maneira, um saber fazer. E isso por muito ímpeto, impulso, força, não alcança na maioria das ocasiões. Portanto, se o jogador colombiano de futebol jogasse compreendendo o seu contexto, poderia não só fazer as maravilhas que surgem pela sua força e ímpeto de vez em quando, mas que poderia fazer do seu jogo algo muito mais potente e constante, ganharia muito mais coisas do que até agora se conseguiram. O caminho do desejo não é de só força, mas sim de paciência e constância.

O desejo não é isso que nos sacia, nem sequer é esse objeto que nos satisfaz. É uma inquietante convocatória a tentar alcançar o que nunca terminamos de encontrar, e que

nos traça a via para continuar a tentar algo que nunca se alcançará, mas que ao final nos faz viver. Perante isso, surge a fantasia de poder dar conta do que não se tem e nunca se terá, mas que nos faz criar para viver.

Para a escritora Irene Vallejo: Os humanos primitivos eram capazes de decifrar símbolos na realidade que viam e viviam: distinguir os animais no horizonte distante, reconhecer um pássaro que resvala nos escorregas do vento, interpretar os sinais da paisagem e identificar os rastros de outros seres vivos na terra. De alguma maneira, já líamos antes de ler. Por isso, viver é voltar a reescrever o que lemos.

Hoje estamos cansados para fantasiar, esgotados para criar, extenuados para amar, daí que tenhamos que nos conformar com aceitar e adaptar-nos a uma realidade que nos esgota. O desejo é fazer com o vazio algo que não seja nada. Por isso traça-se um caminho onde nunca se alcança esse algo, é um caminho que nunca se termina de percorrer, e isso é o que possibilita viver. Cada um encontrará as formas de percorrê-lo, por isso, a partir do desejo, é como o estilo. O pior não é ter um, já que sem isso não há caminho nem muito menos percurso a fazer.

Dizer é a tentativa por alcançar um algo para não ficarmos no nada, em não ser nada. Esse dizer bordeia com cada palavra, mas também com cada silêncio, o vazio que nos constitui como sujeitos. Somos sujeitos que usamos as palavras e os seus silêncios para poder elaborar um dizer que dê conta desse vazio para não ser nada.

A política é o governo da alteridade. A práxis psicanalítica é o que permite escutar a alteridade radical. Para Vegh o sentimento é: “a dimensão imaginária do afeto” (Vegh 2003, p. 7), a paixão como isso que acontece quando “o sentimento consome o sujeito até ao extremo” (2003, p. 8). A batalha cultural na atualidade está nos significantes e nos afetos, por exemplo, como os significantes liberdade ou universidade afetam os sujeitos, entre esses a os/as jovens, estudantes, docentes, afetando o corpo. Assim, esta batalha cultural está em como dar cabida a estes significantes que afetam os sujeitos, como escutá-los, como sustentar nessa escuta laços sociais que não tomem a via do ódio destrutivo. Daí que toda escuta psicanalítica seja um ato político de amor, porque possibilita o laço social com um outro que também nos afeta. Liberdade e universidade, dois significantes que estão em jogo na batalha cultural na atualidade, que afetam os corpos dos sujeitos. Escutá-los a partir da psicanálise seria a maneira de poder enlaçá-los amorosamente e que não se convertam em ódios destrutivos. Essa é a aposta política do ato psicanalítico da escuta: uma aposta pelo amor.

O clamor é uma voz que demanda ser escutada. Nos tempos onde muitas coisas fazem ruído para ser silenciadas, converter essas demandas *cla-morosas* em demandas de amor seria possibilitar o discurso do analista, passar do clamor ao amor. Isso não seria estar à altura da subjetividade da época? Para Lacan (1976-1977) no seminário 24 “O amor não é nada mais do que uma significação”, “o amor é vazio”. Assim, o amor não tem a ver com um significado, mas sim com o que está por fazer-se e nunca termina de preencher-se

com um signo, perante o qual, o único que nos resta é bordeá-lo, tecê-lo, enlaçá-lo com outro.

O sujeito é do feminino, é um vazio que permite a reprodução de subjetividades. O capitalismo atual tomou essa condição feminina do sujeito para produzir umas subjetividades identificadas com nada ao querer o todo. A aposta da práxis psicanalítica, pelo contrário, aponta a isso feminino do sujeito, possibilitando a criação a partir de um saber fazer com esse vazio, abrindo a possibilidade de que um sujeito faça laço com um outro.

Auster, o escritor de uma cidade cada vez mais *nadificante* (que transforma em nada), mas como numa psicanálise (da qual era adepto) escrevia através dos seus personagens uma luta contra essa nada, inventando uma solidão com outros, erotizando um vazio para salvar-se da nada da hiperprodução de objetos. Como um ato subversivo, há um sujeito que fala para que um outro o escute, é ali onde há uma possibilidade. O que nos diz Auster, faz-nos pensar que a solidão também se pode acompanhar, e o que ele fez foi fazer da sua solidão algo para acompanhar através das suas letras. Num mundo cheio de coisas, esvaziá-las através da escrita seria uma opção.

O capitalismo não apanha o desejo, o desejo é inapanhável. O que faz é fazer-nos crer que mediante o gozo este é capturável. Assim, gozamos crendo que desejamos, só que quanto mais gozamos menos desejamos, e assim entre um gozo e outro nos perdemos como sujeitos sob a ilusão de um gozo mortífero que nos afasta do caminho do desejo, portanto, nos afasta da vida.

É como se gozasse de nada, gozar da nada é uma tendência atual. É disso que se trata a depressão. Perante a impossibilidade do desejo aparece o gozo todo, que ao final deixa nada. Para Tomšič (2023) o passo da singularidade clínica à universalidade política é o passo da política da identidade segregacionista para alguns à política da não identidade comunista para todos. Mas o assunto é também pensar isto último como um não-todo, uma política comunal a partir do não-todo. Freud (1992c) em *Novos Caminhos da Terapia Psicanalítica*:

Quando acontecer, se nos colocará a tarefa de adequar a nossa técnica às novas condições. (...) E também é muito provável que na aplicação da nossa terapia às massas nos vejamos precisados a ligar o ouro puro da análise com o cobre da sugestão direta (...) Mas qualquer que seja a forma futura desta psicoterapia para o povo, e não importa que elementos a constituam finalmente, não cabe nenhuma dúvida de que os seus ingredientes mais eficazes e importantes continuarão a ser os que ela tome da psicanálise rigorosa (p. 163).

Uma psicanálise bacana e popular é uma psicanálise para todx aquele que a demande, não é para algunxs, não é para todxs, é um não todo comunal que dá cabida à singularidade de um sujeito em comunidade. Valentia e dignidade é o que faz sustentar a práxis psicanalítica, valentia para escutar o sujeito do inconsciente, e dignidade pela emergência deste sujeito. Valentia e dignidade, dois atos que parecem diluir-se na época do tudo se pode comprar e vender. Há algo que diz não tudo se pode, e esse é o sujeito, aquilo que assinala que na impossibilidade se pode criar algo, no excluído algo se pode fazer. O sujeito é esse algo

que não é todo, mas tampouco nada, é a emergência de algo belo por suceder, por ocorrer, e a práxis psicanalítica é o lugar dessa possibilidade.

Lacan nos diz que da “única coisa de que se pode ser culpado é de ter cedido no seu desejo” e aí andamos, culpados, impotentes para andar na senda do desejo, incapazes de assumir o real da vida, enredados com um gozar que nos traz um sofrer que se alimenta a si mesmo e não nos possibilita a vida. A importância das palavras não está só nas próprias palavras, mas sim entre elas, e é ali onde se situa a escuta, entre palavra e palavra, naquilo que não podem dizer as palavras, nisso que não podem dizer dizendo.

A práxis psicanalítica deve estar orientada mais por uma posição política e ética (erotologia), do que por uma técnica rígida, estandardizada, disposta a ser verificada por uma moralidade psicanalítica. A verdadeira ameaça para a psicanálise é a sua despolitização e neutralidade perante as ameaças ao sujeito do inconsciente, à não escuta perante os seus padecimentos e mal-estares, às suas protestas e greves, que não são outra coisa diferente daquilo que resiste a ser apanhado: o próprio sujeito do inconsciente. É preciso voltar a colocar os padecimentos subjetivos no lugar que lhes corresponde, protestas subjetivas perante a moral imperante em cada época. Assim como a histeria era a greve mediante o corpo da moral vitoriana, a depressão e a ansiedade seriam as protestas perante os imperativos do capitalismo neoliberal onde todos temos que estar felizes e produtivos.

Quanto mais o sujeito cede no seu desejo aos ideais do capitalismo neoliberal, a sua subjetividade vai estar

afetada cada vez mais por diferentes respostas que vão da depressão à ansiedade, passando pelo consumo de substâncias. A alegria comunitária aponta a coletivos, associações, laços comunitários. Todos esses vínculos servem para acolher esses mal-estares, alojar os sujeitos e os seus padecimentos. A felicidade individual é tudo o contrário a uma alegria comunitária. Esta última é uma festa com outros, é um acompanhar-se em solidões, é a possibilidade de escutar-se a partir dos seus mal-estares e padecimentos. Em contrapartida, o primeiro é apenas narcisismo solitário rentabilizado pelos ideais capitalistas neoliberais do amor próprio ou a autorrealização, onde só tem cabida o próprio êxito e o triunfo sobre os outros.

É preciso politizar o mal-estar, o padecimento. Politizar uma práxis psicanalítica tem a ver com escutar os padecimentos do sujeito. Não têm que ver com um conflito interno, tampouco com algo externo, mas sim que as manifestações sintomáticas são respostas subjetivas perante os imperativos superegoicos de uma época, da moral sexual que nos falava Freud, o Outro lacaniano. Não é uma questão individualista disfarçada muitas vezes de “clínica neutral”, é uma posição do sujeito com respeito ao desejo e ao gozo. Politizar o ato analítico é fazer do sujeito um lugar sempre subversivo, revolucionário, emancipador, transformador, ou seja, faria da psicanálise um ato bacano. Assim, não ceder perante uma psicanálise bacana.

## Bibliografía

- Agamben, G (2005). *Profanaciones*. Adriana Hidalgo.
- Agamben, G. (23 de mayo de 2018). ¿Qué es lo contemporáneo? *lobosuelto.com* <https://lobosuelto.com/ques-lo-contemporaneo-giorgio-agamben/>
- Badiou, A. (2021). *Elogio al amor*. Ariel.
- Bataille, G. (1997). *El erotismo*. Tusquets.
- Bassets, M (2019). Élisabeth Roudinesco: El psicoanálisis vuelve a convertirse en una terapia para ricos. *elpais.com*. [https://elpais.com/cultura/2019/01/21/actualidad/1548088336\\_168252.html](https://elpais.com/cultura/2019/01/21/actualidad/1548088336_168252.html)
- Braunstein, N. (2017). Structures cliniques ou positions subjectives. *Analyse Freudienne Presse*, 24, 39-57. <https://doi.org/10.3917/afp.024.0039>
- Bruce, J. (2007). *Nos habíamos choleando tanto. Psicoanálisis y racismo*. San Martín de Porres
- Cancillería (1922) Ley 114 de 1922. *cancilleria.gov.co* [https://www.cancilleria.gov.co/sites/default/files/Normograma/docs/ley\\_0114\\_1922.htm](https://www.cancilleria.gov.co/sites/default/files/Normograma/docs/ley_0114_1922.htm)
- Chaparro, A. (2019). Deconstrucción del ideal mestizo, en: Montero González, M; Páez Guzmán, E. (Compiladores). *Filosofía y Educación. Deleuze: investigaciones y apuestas/* Tunja: UPTC, páginas 175-198.
- Clavreul, J. (1983). *El orden médico*. Argot.
- Derrida, J; Dufourmantelle, A. (2000). *La hospitalidad*. Ediciones de la Flor.
- Dolar, M. (2017). *Uno se divide en Dos. Más allá de la interpolación*. Paradiso.
- Echeverría, B. (2010). *Modernidad y blanquitud*. Era.
- Fanon, F. (1983). *Los condenados de la tierra*. Fondo de Cultura Económica.

- Fanon, F. (2009). *Piel negra, máscaras blancas*. Akal.
- Freud, S. (1992a). El creador literario y el fantaseo, en: *Obras Completas*. Volumen IX. Amorrortu.
- Freud, S. (1992b). Una dificultad del psicoanálisis, en: *Obras Completas*. Tomo XVII. Amorrortu.
- Freud, S. (1992c). Nuevos caminos de la terapia psicoanalítica, en: *Obras Completas*. Tomo XVII. Amorrortu.
- Gallo, J. (2020). Atravesando el fantasma del velo político de la política. *Desde el Jardín de Freud* 20 (2020): 205-216
- Gallo, J. (2021). *Por un psicoanálisis abigarrado*. Kazyadu.
- González Casanova, P. (2006). *Sociología de la explotación*. CLACSO.
- Jiménez, M. (1920). *Nuestras razas decaen. Algunos signos de degeneración colectiva en Colombia y en los países similares*. Imprenta y litografía de Juan Casis.
- Kundera, M. (2013). *El libro de la risa y el olvido*. Tusquets.
- Lacan, J. (1961-1952). *Seminario 9. La identificación*. Inédito. Buenos Aires. Escuela Freudiana de Buenos Aires.
- Lacan, J. (1973). Autocomentario. *Uno por Uno*, Revista Mundial de Psicoanálisis, n° 43, Buenos Aires, Eolia, 1996.
- Lacan, J. (1973-1974). *Seminario 21. Los nombres del padre" o "Los no incautos yerran"*. Inédito. Escuela Freudiana de Buenos Aires.
- Lacan, J. (1976-1977). Seminario 24. *Lo no sabido que sabe de la una-equivocación se ampara en la morra*. Inédito. Escuela Freudiana de Buenos Aires.
- Lacan, J. (1977-1978). Seminario 25. *Momento de concluir*. Inédito. Escuela Freudiana de Buenos Aires.
- Lacan, J. (1981). *Seminario libro 3. Las psicosis 1955-1956*. Barcelona. Paidós.

Lacan, J. (1995). Introducción a la edición alemana de un primer volumen de los Escritos, en: *Uno por Uno*, N° 42 (pp. 9-15).

Lacan, J. (1997). La cosa freudiana o sentido del retorno a Freud en psicoanálisis, en; *Escritos I*. Siglo XXI.

Lacan, J. (2000). Acerca de la causalidad psíquica. En: *Escritos I*. Paidós.

Lacan, J. (2003). *Seminario libro 11. Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis*. Paidós.

Lacan, J. (2006). *Seminario libro 23. El sinthome*. Paidós.

Lacan, J. (2010). *Seminario libro 20. Aún*. Paidós.

Lacan, J. (2012). Nota italiana, en: *Otros escritos*. Paidós.

Lacan, J. (2013). *Seminario libro 10. La angustia*. Paidós.

Lacan, J. (2014). *Seminario libro 14. El deseo y su interpretación*. Paidós.

Le Gaufey, G. ¿Es el analista un clínico? Opacidades n° 3 , 2004 pag.255-264.

[https://clinicaypsicoanalisis1.webnode.es/news/debates-actuales%3A-%C2%BFhay-estructuras-clinicas-las-marcas-de-un-paradigma-marite-colovini/?fbclid=IwZXh0bgNhZW0CMTAAR24oYk4aAKr2Me-10mJ5RN\\_R13sBSeBjG9WVLV0Z\\_nCbCe9gcS1in4-bbA\\_aem\\_ATJGEhoVc3RJRtpFjmAlE9-OfjLLhxot7kPgTNE\\_f5yvHX-JsUsFtNJh2mzMgFi7L8u9OYLl9xR-zNIU\\_rm2-lxO](https://clinicaypsicoanalisis1.webnode.es/news/debates-actuales%3A-%C2%BFhay-estructuras-clinicas-las-marcas-de-un-paradigma-marite-colovini/?fbclid=IwZXh0bgNhZW0CMTAAR24oYk4aAKr2Me-10mJ5RN_R13sBSeBjG9WVLV0Z_nCbCe9gcS1in4-bbA_aem_ATJGEhoVc3RJRtpFjmAlE9-OfjLLhxot7kPgTNE_f5yvHX-JsUsFtNJh2mzMgFi7L8u9OYLl9xR-zNIU_rm2-lxO)

Lowy, M. (2007). *El marxismo en América Latina*. LOM Ediciones.

Mannoni, O. (1990). *Prospero and Caliban: The Psychology of Colonization*. Ann Arbor. University of Michigan Press.

Miller, J.A. (1998). *Elucidación de Lacan*. Charlas brasileñas. Paidós.

- Monsiváis, C. (2002). *Días de guardar*. Era
- Monsiváis, C. (2004). *Escenas de pudor y liviandad*. Grijalbo.
- Muñoz, C. (2011). *Los problemas de la raza en Colombia Más allá del problema racial: el determinismo geográfico y las 'dolencias sociales*. Bogotá. Universidad del Rosario
- Pavón-Cuéllar, D. (2020). El psicoanálisis ante la colonialidad: dieciocho posibles usos anticoloniales de la herencia freudiana", <https://sujeto.hypotheses.org/1317>.
- Peña, S. (2017). Mariátegui, la Revista *Amauta* y el psicoanálisis. *Utopía y praxis latinoamericana*. Vol. 22, Núm. 77. p. 67-76, jul. 2017. Recuperado de: <http://produccioncientificaluz.org/index.php/utopia/article/view/22532>
- Quignard, P. (2000). *El sexo y el espanto*. Editorial Edelp.
- Quijano, A. (1980). *Dominación y cultura. Lo cholo y el conflicto cultural en el Perú*. Mosca Azul Editores.
- Rimbaud, A. (1993). *Una temporada en el infierno*. Ancora.
- Rivera, Cusicanqui S. (2015). *Sociología de la imagen. Miradas ch'ixi desde la historia andina*. Tinta limón.
- Rivera Cusicanqui, S. (2018) *Un mundo Ch'ixi es posible. Ensayos desde un presente posible*. Tinta limón.
- Rodríguez Rabanal, C. (1989). *Cicatrices de la pobreza: un estudio psicoanalítico*. Caracas. Nueva Sociedad.
- Rodríguez Rabanal, C. (1995). *La violencia de las horas. Estudio psicoanalítico sobre la Violencia en Perú*. Nueva Sociedad.
- Sampson, A. (1992). [La fantasía no es un fantasma](#), Revista *Artefacto* n°3
- Spivak, Gayatri. (2003). ¿puede hablar el subalterno?. *Revista Colombiana de Antropología*, 39, 297-

364. Recuperado de:  
[http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0486-65252003000100010&lng=en&tlng=es](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-65252003000100010&lng=en&tlng=es)  
 Sánchez-León, A y Paredes-Oporto, M. (2007). La realidad exige cada vez más pronunciarse. Entrevista a Jorge Bruce. *Quehacer*. Recuperado de:  
<http://www.desco.org.pe/recursos/sites/indice/753/2113.pdf>  
 Serna, E. (2001). El naco en el país de las castas, en: *Ensayo mexicano*. F. Patrón (coord.). Universidad Nacional Autónoma de México, Universidad Veracruzana; Aldus.  
 Sierra, M. (2019). *Las estructuras clínicas. Síntesis de una subversión en psicopatología*: Paradiso.  
 Spinoza, B. (2000). *Ética demostrada según el orden geométrico*. Trotta.  
 Stavrakakis, Y. (2007). *Lacan y lo político*. Prometeo  
 Tomšič, S. (2023). *El trabajo del goce*. Paradiso.  
 Weil, S. (2023). *El deseo*. Hermida editores.  
 Zavaleta, R. (1986). *Lo nacional popular en Bolivia*. Siglo XXI.  
 Zupančič, A. (2012). *Sobre La comedia*. Paradiso.  
 Vegh, I. (2003). Sentimiento, pasión y afecto en la transferencia.  
[http://www.efbaires.com.ar/files/texts/TextoOnline\\_747.pdf](http://www.efbaires.com.ar/files/texts/TextoOnline_747.pdf).  
[20-6-17](http://www.efbaires.com.ar/files/texts/TextoOnline_747.pdf)  
 Viereck, G. (1926). El valor de la vida, Entrevista a Sigmund Freud en su casa de los Alpes.  
[https://www.thecjc.org/pdf/entrevista\\_freud.pdf](https://www.thecjc.org/pdf/entrevista_freud.pdf)

Nesse sentido a Psicanálise Bacana seria também uma resistência à colonização da teoria psicanalítica pelo Norte, e o que o autor faz é nos convocar a pensar as formas com que fomos colonizados na psicanálise, colocando a França e a Europa no lugar do colonizador, e a psicanálise francesa no lugar da verdade, como ideal a ser alcançado. A mesma psicanálise tradicional, que se coloca a criticar os movimentos que usam identidade de forma estratégica na política, sucumbe ao superego tirânico que limita a práxis psicanalítica à língua e textos da matriz, critica a ciência ao mesmo tempo em que coloca o texto dos mestres psicanalistas no seu lugar.

Concluindo, quando a psicanálise bacana de Jairo relembra que tratamos do desejo, e que este é movimento, retomamos seu potencial dançante, que invoca a criação alegre do ato, contra a melancolia neoliberal que paralisa. Aqui na América Latina dançamos, lutamos e ao mesmo tempo jogamos com ritmos diversos. Criamos nosso nó borromeo entre raça, classe e gênero em um sinthome singular da psicanálise no nosso território, com a riqueza dos sabores regionais, a beleza das cores tropicais e o embalo das nossas músicas, que do Sul ao Norte não nos deixam parar de nos movimentar.

Aline Souza Martins

ISBN: 978-628-01-9837-8



9 786280 198378